UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

ESCOLA DE MINAS

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE MINAS

RINARA SANTOS HUGO

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE VILA NOVA EM MARIANA - MG NO ESPAÇO DA MINERAÇÃO - UMA PERSPECTIVA DOS ANTIGOS MORADORES

OURO PRETO

2017

RINARA SANTOS HUGO

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE VILA NOVA EM MARIANA - MG NO ESPAÇO DA MINERAÇÃO - UMA PERSPECTIVA DOS ANTIGOS MORADORES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Engenharia de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Engenharia de Minas.

Orientador: Prof. Dr. Hernani Mota de Lima

OURO PRETO

2017

H895c Hugo, Rinara Santos.
A construção social da comunidade Vila Nova em Mariana-MG no espaço da mineração [manuscrito]: uma perspectiva dos antigos moradores / Rinara Santos Hugo. - 2017.

77f.: il.: color; grafs; tabs; mapas.

Orientador: Prof. Dr. Hernani Mota Lima.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Minas. Departamento de Engenharia de Minas.

1. Mineração. 2. Desenvolvimento sustentável. I. Lima, Hernani Mota. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Titulo.

CDU: 622:502.131.1

Catalogação: ficha@sisbin.ufop.br

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas - Departamento de Engenharia de Minas

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 31 dias do mês de agosto de 2017, às 15h, no auditório do DEMIN, foi realizada a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia de Minas requisito da disciplina MIN-491 – Trabalho de Conclusão de Curso II, intitulado ***"A CONSTRUÇÃO SOCIAL NO ESPAÇO DA MINERAÇÃO: A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DA VILA DA ALEGRIA-MARIANA NA DÉCADA DE 1960, SOB A PERSPECTIVA DOS ANTIGOS MORADORES"***, pela aluna **Rinara Santos Hugo,** sendo a comissão avaliadora formada por **Prof. Dr. Hernani Mota de Lima (orientador), Prof. M. Sc. José Fernando Miranda e M. Sc. Viviane da Silva Borges Barbosa.**

Após arguição sobre o trabalho, a comissão avaliadora deliberou por unanimidade pela aprovação da candidata, com a nota 8,5 concedendo-lhe o prazo de 15 dias para incorporar no texto final da monografia as alterações determinadas/sugeridas pela banca.

A aluna fará jus aos créditos e conceito de aprovação na disciplina MIN-491 – Trabalho de Conclusão de Curso II após a entrega dos exemplares definitivos (Cd e cópia impressa) da versão final da monografia defendida, conforme modelo do CEMIN-2009, no Colegiado do Curso de Engenharia de Minas – CEMIN.

Para fins de registro, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada é assinada pelos membros da comissão avaliadora e pelo discente.

Ouro Preto, 31 de agosto de 2017.

Prof. Dr. Hernani Mota de Lima
Presidente da Comissão Avaliadora e Professor Orientador

Prof. M. Sc. José Fernando Miranda
Membro da Comissão Avaliadora

M. Sc. Viviane da Silva Borges Barbosa
Membro da Comissão Avaliadora

Rinara Santos Hugo

Prof. Ms.C. José Fernando Miranda
Professor responsável pela Disciplina Min 491 – Trabalho de Conclusão de Curso

No Brasil, país de tantos contrastes, onde a educação é um privilegio para poucos, sinto-me muito grata a todos que estiveram conduzindo meu caminho até aqui, principalmente a minha família, e em especial a minha mãe, querida companheira de tantos desafios.

O maior trem do mundo
Leva meu tempo, minha infância, minha vida
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano.
Lá vai o maior trem do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei, não voltará
Pois nem terra, nem coração existem mais.
(O maior trem do mundo, Carlos Drummond de Andrade, 1984).

"Minas são muitas. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais"
João Guimarães Rosa

RESUMO

O surgimento das primeiras vilas, comunidades e municípios do estado de Minas Gerais é estreitamente ligado com as relações de poder que a mineração exerce na ocupação do espaço. Neste contexto, este trabalho aborda a influência que a atividade mineradora desempenha na formação e construção social de uma comunidade. A relevância da pesquisa se deve a capacidade da mineração em impulsionar o desenvolvimento econômico e social das comunidades onde está localizada, e que através desse entendimento, seja possível constuir relações sustentáveis. O objetivo é analisar os elementos socioculturais de uma comunidade que se formou em razão da indústria extrativa mineral, e como se estabeleceram as relações sociais no local. Como caso específico, analisou-se a comunidade Vila Nova, da Mina da Alegria em Mariana-MG,que, desde o seu aparecimento até a sua extinção foi protagonizada pela mineração, sistematizando questões relacionadas com o impacto social da atividade de mineração na qualidade de vida das pessoas, e na formação da identidade sociocultural da comunidade. Para tanto, foram desenvolvidos estudos relativos à chegada de empresas mineradoras na região de Mariana, principalmente na Mina de Alegria, quando a SAMITRI ali se instalou, na década de 1960, destacando o cenário econômico e político da época, e quais condicionantes influenciaram para o surgimento de uma comunidade dependente da atividade deste empreendimento mineral. Trata-se de uma pesquisa analítico-descritiva desenvolvida sob um diagnóstico histórico social da mineração em Minas Gerais e das buscas *in situ* pela memória e história das pessoas que viveram na comunidade durante as décadas de 1960 a 1980. A pesquisa se deu através do uso de fontes diversas, tais quais dados do IBGE, levantamentos em campo, pesquisa em órgãos públicos, pesquisas acadêmicas e diálogos com alguns atores sociais analisando a lógica da configuração social e das relações de interdependência que se verificou na comunidade. O trabalho tem como resultados parciais: o fortalecimento da legitimação histórico-social de parte dos atores de uma comunidade mineira, a implicação desta comunidade em revelar impactos sociais que podem ser provocados pela ocupação do espaço pela mineração e a busca pelo fortalecimento da consciência da responsabilidade social dos empreendimentos mineiros.

Palavras-chave: Mineração, comunidade, construção social, territorialização, espaço da mineração.

ABSTRACT

The emergence of the first villages, communities and towns of Minas Gerais state is closely linked with the power relation that mining performs in occupation of space. In this context, this study discuss the influence that mining activity execute in social formation and construction of a community. The relevance of research is due to the activity capacity on boosting the economic and social development of communities where they are located, and through this understanding build sustainable relationships. The objective is to analyze the several social dimensions of a community formation that was formed in reason of mineral extractive industry. As a specific case, it was analyzed the community of Vila Nova, from Alegria mine, in the city of Mariana, which since its emergence until its extinction was conducted by mining, systematizing questions related with the impact of mining activity in the life quality of people, and in which way this reality contributed to the formation of a social and cultural identity, analyzing the values constructed, transformed, and even destroyed by the relation between the actors involved. Therefore, it was developed relative studies to the arrival of mining companies in the region of Mariana, mainly on Alegria mine, when the company S. A. Mineração Trindade settled in the 1960s, highlighting the economic and political scenario at the time, and which the constraints was determinants for the emergence of a community totally dependent of this company activity. This study is about a research analytical-descriptive developed under a social historical diagnostic of mining, in Minas Gerais and the searches *in situ* for the memory and history of the people who lived in the community during the 1960s and 1980s. The research was done through several sources, such as IBGE data, field surveys, research on public organs, academic researches and dialogues with some social actors analyzing the logic of social configuration and of the relationships of interdependence that was verified in the community. This study has as partial results: the strengthening of the historical-social legitimation of part of the actors of a mining community, the implication of this community to reveal the socials impacts that might be caused by the occupation of space by mining, and the search for the conscience strengthening of socialresponsibility of mining enterprises.

Keys Words: Mining, community, social construction, territorialization, mining space.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1.1: A produção do ouro ao longo do século XVIII 16

Figura 1.2 -Localização da área do Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais com os principais municípios inseridos na área 19

Gráfico 1.3: Histórico da produção brasileira de minério de ferro em porcentagem na produção mundial no século XX e início do século XXI 18

Gráfico 1.4: Composição do PIB por atividades em Minas Gerais – anos selecionados em porcentagem..... 24

Gráfico 1.5: Participação do PIB da Indústria Extrativa Mineral sobre o PIB das Indústria Extrativa Mineral e de Transformação , em Minas Gerais e Brasil – Anos selecionados em porcentagem..... 25

Figura 2.1 A comunidade e as dimensões sociais 33

Figura 2.2 O indivíduo e as influências sociais 35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFEP- Associação dos Países Exportadores de Ferro

CBMM- Companhia Brasileira de Metalúrgia e Mineração

CFEM- Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil

CSN- Companhia Siderúrgica Nacional

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral

E.F. - Estrada de ferro

E.F.C.B. - Estrada de Ferro Central do BrasiI

E.U.A. - Estados Unidos da América

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FMI – Fundo Monetário Internacional

IBA - Associação Internacional de Bauxita

IBGE – Democrática instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEM – Indústria Extrativa Mineral

ICMS- Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias

IUM - Imposto Único sobre Minerais

MBR- Minerações Brasileiras Reunidas S.A.

MG – Minas Gerais

MME- Ministério de Minas e Energia

PIB- Produto Interno Bruto

PMD – Plano Mestre Decenal

QF – Quadrilátero Ferrífero

SAMITRI – Sociedade Anônima de Mineração Trindade

SME - Secretaria de Minas e Energia

SGMB - Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

USIMINAS - Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS: (re) visitando parte da história.....15

1.1 A mineração como protagonista da formação das primeiras vilas, comunidades e municípios de Minas Gerais 15

1.2 Breve histórico da legislação mineral 20

1.3 O cenário político econômico mineral em Minas Gerais entre as décadas de 1960 e 1980.....23

2 BASES CONCEITUAIS E TEÓRICAS DOS ASPECTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE.....29

2.1 Territorialização e espaço social 29

2.2 Apropriação do espaço como comunidade 31

2.3 Construção da identidade social 33

3 A ATIVIDADE MINERADORA E O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE DE VILA NOVA 36

3.1 Caracterização do local de estudo 36

3.1.1 Histórico do local de estudo 37

3.2 A formação da comunidade Vila Nova em Mariana 38

3.3As relações estabelecidas entre empresa e comunidade 44

3.4 As dimensões socioculturais da comunidade 48

3.4.1 A dimensão da tecnologia da comunidade 48

3.4.2 A dimensão econômica da comunidade 49

3.4.3 A dimensão política da comunidade 49

3.4.4 A dimensão institucional da comunidade 49

3.4.5 A dimensão de valores estéticos da comunidade 50

3.4.6 A dimensão de crenças e conceitos da comunidade 50

4 CONSIDERAÇÕESFINAIS 52

4.1 Limitações da pesquisa 54

4.2 Idéias para fututo estudo 55

REFERÊNCIASBIBLIOGRÁFICAS.....56

APÊNDICE A Questiónario 1 60

APÊNDICE B Entrevista 1 61

APÊNDICE C Entrevista2 **.....**64

APÊNDICE D Entrevista 3 65

APÊNDICE E Depoimento de ex-moradora da Vila Nova 66
ANEXO 1 Fotos da rua, casa e demais estruturas da comunidade Vila Nova 68
ANEXO 2 Fotos da Fazenda da Alegria 71
ANEXO 3 Fotos de festividades na comunidade.....72
ANEXO 4 Documentos pessoais de antigos moradores 74
ANEXO 5 Fotos de equipamentos e instalações antigas na empresa 75

INTRODUÇÃO

Nocontexto histórico da formação da sociedade mineira, a atividade mineradora esteve em grande parte como protagonista do desenvolvimento e ocupação do território, essa realidade, se intensifica ainda mais, ao se tratar da formação dos primeiros centros urbanos em Minas Gerais. Logo, a formação das primeiras vilas, comunidades e cidades do estado, surgiram no cenário da mineração.

Com o passar do tempo, as discussões acerca de como as empresas de mineração lidam com as questões sociais, e como são estabelecidas as relações com a comunidade e território ocupado, se mostram cada vez mais indispensáveis, com o objetivo de estabelecer relações sustentáveis. Diante disto, este trabalho busca descrever a construção social de uma comunidade dentro das relações de poder que a atividade minerária impõe em determinado território, partindo do pressuposto que, a maneira como o homem ocupa o território caracteriza o seu desenvolvimento e influencia as interrelações sociais estabelecidas.

No processo de ocupação e construção de um espaço, atuam atores sociais que constroem, modificam e transformam comportamentos, como explica Wanderley (2005), um projeto minerador muda as relações sociais e as disposições territoriais do local, e através das transformaçõs nas relações entre os atores, constroem-se identidades de grupos. As identidades socioculturais construídas a partir das relações estabelecidas em uma comunidade, são dependentes do contexto social da qual está inserida, no entanto, este trabalho busca identificar o contexto social e as características de uma comunidade, em um determinado espaço e tempo, sob a perspectiva da memória dos antigos moradores. Como caso específico, analisou-se o surgimento da Vila Nova, comunidade formada em 1969 pela empresa Sociedade Anônima Mineradora Trindade - SAMITRI, em Mariana- MG, como núcleo residencial para alguns funcionários e seus familiares que vinham da zona rural da região de Mariana e de outras cidades vizinhas.

A fim de localizar a comunidade de Vila Nova em um determinado tempo e espaço, na primeira parte do trabalho será abordado um breve histórico da mineração no país, em especial no estado de Minas Gerais. O aprofundamento das análises tem como foco a região do município de Mariana- MG, onde se iniciou o ciclo do ouro, obtendo o augena metade do século XVIII, vindo a ser posteriormente local para grandes empresas de mineração se instalar, para exploração do minério de ferro. Neste primeiro capítulo retrata-se a trajetória da chegada de empresas mineradoras na região, passando pela chegada de empresas inglesas que explotavam ouro na região, até a

instalação das multinacionais com aexplotação do minério de ferro.Um breve histórico da legislação mineral brasileira também será abordado, e além disso, será apresentado o cenário socioeconômico estabelecido na região entre as décadas de 1960 a 1980, e como este contexto influencia as relações de poder entre os atores na comunidade.

Em seguida será realizada uma exposição a respeito dos aspectos em torno da formação de uma identidade sociocultural em um determinado local, sob a perspectiva da antropologia e dos estudos das ciências sociais. Neste capítulo, busca-se entendera formação da comunidade como espaço da mineração, a partir da territorialização. Buscam-se também, a compreensão dos processos e das ações dos diferentes atores ao longo do tempo, bem como a identificaçãodas transformações espaciais, sociais, econômicas e políticas ocorridas após a chegada da mineradoraSAMITRI e dos atores que a acompanhamno distrito de Alegria em Mariana.

O terceiro capítulo mostracomo se consolidou a formação de um núcleo residencial no entorno da mina de Alegria, com algumas vilas, dentre elas a Vila Nova. Alguns aspectos sociais podem ser identificados neste espaço, de acordo com os hábitos desenvolvidos pelos moradores da vila. São exemplificadas algumas dimensões socioculturaisque possam identificar e classificar o grupo social em estudo. Érealizado, então, uma apresentação dos aspectos sociais da comunidade, levantamento feito pela memória de alguns dos antigos moradores da comunidade.

Propõe-se neste último capítulo, a análise das variadas dimensõessociais que podem ser consideradas em torno da construção da identidade de um determinado grupo, no caso específico, os moradores da Vila Nova. Para um melhor entendimento, a a princípio aborda-se o histórico e a organização social da comunidade e da empresa instalada no local.A formação social da comunidade foi abordada sob a perspectiva de antigos moradores, caracterizando uma metodologia descritiva, sendo a pesquisa desenvolvida através da história oral dos atores sociais envolvidos no estudo de caso.

Atravésda memória e narrativa de alguns dos antigos moradores da comunidade Vila Nova, pode-se registrar as percepções individuais dos mesmos, acerca das relações estabelecidas na comunidade e seu contexto social. Foram realizadas entrevistas, que possibilitou à pesquisainvestigar a comunidade dentro do seu contexto real e recuperar memórias locais, comunitárias e regionais.Segundo Becattini (*apud* Yin, 2005), o método de estudo de caso, permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de setores

econômicos.

O trabalho de campo para reconhecimento da Vila Nova foi crucial ao desenvolvimento da pesquisa. Entrevistas abertas com atores coletivos e individuais foram conduzidas de forma que os diversos atores sociais fossem contemplados. Dessa forma, representantes das diversas instituições, grupos e agentes sociais tiveram seus discursos identificados e analisados, assim como suas ações voltadas para a defesa de seus respectivos interesses dentro do território.

O território, neste sentido, é entendido como "um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder", explica Souza (1995, pag.78). Assim, o território aqui estudado, será compreendido pelas relações socioeconômicas e culturais estabelecidas na região e pela relação social desenvolvida na condição de espaço na mineração, o que estabelece um bom cenário para essa análise, como ressalta Accioly (2012, pag. 65) :

> ... A mineração é muito representativa, uma vez que é uma atividade que exerce grande alteração na paisagem e no espaço [...]. Além disso, a mineração é capaz de alterar substancialmente a estrutura e configuração de agrupamentos sociais e comunidades, visto que reconfigura o território por completo e suas relações, (des) construindo referências espaciais e culturais.

Dessa maneira, a tentativa de compreender como se deu às relações socioculturais dentro de um cenário da mineração, permite refletir sobre o papel social das mineradoras, quando estas, detém de um poder sobre a territorialização que são capazes de promover, tal como sua responsabilidade sendo modificadora de espaços. Sendo assim, as dimensões socioculturais da comunidade em estudo, fornecem importantes expressões e registram um determinado momento histórico e econômico contido na trajetória da mineração na região de Mariana.

1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS: (re)visitando parte da história

Este capítulo fará uma breve abordagem dos aspectos históricos, no que tange à atividade mineradora no estado de Minas Gerais. A mineração e a formação das primeiras comunidades do estado sempre estiveram interligadas, logo, em uma perspectiva histórica, social e econômica pode-se esclarecer como se deu muitos processos de ocupação e territorialização do espaço mineiro.

Através da abordagem da ocupação urbana do estado, do histórico da legislação mineral, e dos aspectos socioeconômicos em um determinado período, este capítulo buscou situar as relações estabelecidas entre os atores sociais interagidos em um espaço da mineração, na região de Mariana.

1.1 A mineração como protagonista da formação das primeiras vilas, comunidades e municípios de Minas Gerais

Amineração é estreitamente ligada à história de Minas Gerais, como descreve Fortes, o estado não evoluiu da periferia para o centro, como seria lógico que acontecesse, operou-se um movimento demográfico partindo de um foco central, que era a região das minerações (Fortes, 1958).Achegada de aventureiros, grupos organizados e membros da corte portuguesa no Brasil a procura de ouro no estado, começou no século XVII (SOBREIRA E FONSECA, 2001). Passados dois séculos da chegada dos europeus ao continente sul-americano, os portugueses encontram seu eldorado, a partir de então, a história de Minas Gerais e da mineração se confundem, e a atividade extrativa mineral começa a influir decisivamente no povoamento do estado.

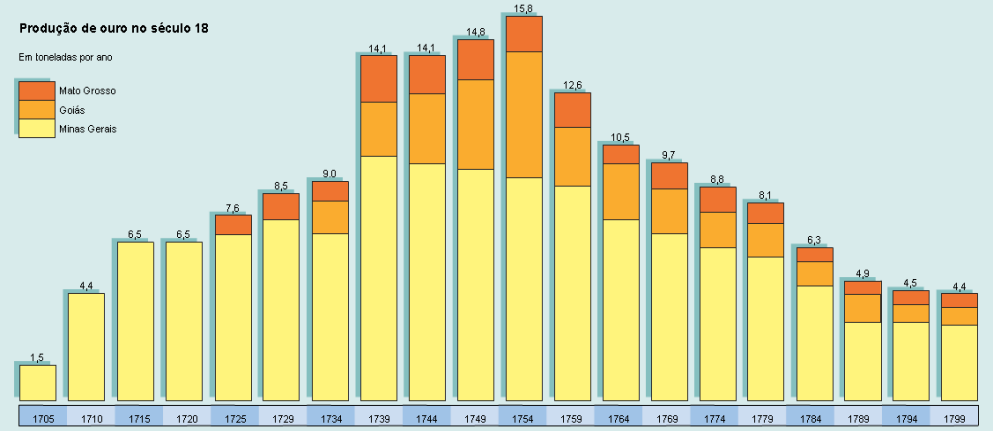
Com a descoberta de ouro nas margens do Ribeirão do Carmo[1], em 16 de julho de 1696, despertou em Portugal a cobiça que o precioso minério é capaz de idealizar, e Mariana veio a ser o berço da mineração no estado.Com impulso desbravador, o bandeirante paulista João Lopes de Lima, em companhia do Padre Manuel Lopes, chegaram e ocuparam a região, que mais tarde foi denominada de Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo (LIMA JÚNIOR, 1962).Em 1711, o governador de São Paulo e Minas elevou osacampamentos de Ribeirão do Carmo, Ouro Preto e Sabará à condição de vila. Depois, vieram Caeté, Pitangui, São João del Rei e outros. “Ribeirão do

[1] O então Ribeirão do Carmo, é um dos mais importantes tributários do Alto Rio Doce.Às suas margens nasceu o arraial de Nossa Senhora do Carmo, que logo assumiria uma função estratégica no jogo de poder determinado pelo ouro. O local se transformou em um dos principais fornecedores deste minério para Portugal (MARIANA, 2017).

Carmo foi a primeira vila a setransformar em cidade, recebendo o nome de Mariana em 1745" (FAUSTO, 1996, p.62).

Durante o século XVIII a população estimada de Minas Gerais, cresceu de 30 mil, para 450 mil habitantes (ALVES,1998). Esse crescimento foi favorecido pela intensa atividade da mineração de ouro no estado, principalmente na região de Mariana e Ouro Preto. No decorrer do século, a produção do ouro no país foi se intensificando, atingindo o auge entre as décadas de 1730 e 1770, e Minas Gerais figurou como maior produtora, como mostra o gráfico:

Gráfico 1.1: A produção do ouro ao longo do século XVIII:



Extraído de: Atlas Histórico do Brasil - FGV[2]

Como se pôde observar, Minas Gerais produziu cerca de dois terços do ouro extraídos no Brasil, durante o período colonial. Muitas cidades mineirascresceram neste contexto, ou seja, ao lado das minas, como Ouro Preto, Diamantina, Sabará, Mariana, Serro. A significativaprodução mineralfomentou o povoamento do estado, a abertura de estradas, a implantação de núcleos urbanos, a criação de estruturas administrativas própria e a construção da Estrada Real.No entanto, a atividade aurífera, entrou em declínio no final do século XVIII.

Tavares (2006) mostra que, mesmo após o auge do ciclo de ouro no estado, em 1819, o Barão de Eschwege inicia a exploração de minas de ouro no distrito de Passagem de Mariana. A formação da Cia. Minas de Passagem, em meados do século XIX, cujos donos eram ingleses, iniciou uma nova fase de exploração mineral de ouro no município, permanecendo até o fim do século XIX, quando entrou novamente em declínio.

[2]Disponível em: www.atlas.fgv.br/marcos/descoberta-do-ouro/mapas/graficos-producao-de-ouro-e-populacao-mineira-no-seculo-18, Acesso em 03/02/2017.

Durante o Império, a produção mineral brasileira, cujo volume foi bastante inferior ao do período colonial, continuou concentrada em ouro e diamantes, notadamente em Minas Gerais (SOARES, 2008). Entre as décadas de 1820 a 1830, foram formadas na Inglaterra, companhias para explorar ouro em Minas Gerais, segundo Soares, (2008):

> Registre-se que seis companhias para explorar jazidas auríferas em Minas Gerais foram formadas na Inglaterra, dentre elas, destaca-se a St. John Del Rey Mining Company, que atravessou várias alterações patrimoniais, até ser reconhecida como Mineração Morro Velho e atualmente Anglo Gold Ashanti. (SOARES, 2008, p.35)

No final do século XIX, realmente os anos de glória em ouro vieram à decadênciana região de Mariana, como mostra Fausto (1996, pag. 65):

> O ouro não deixou de existir em Minas, porém sua extração se tornou economicamente pouco atraente. O período de apogeu situou-se entre 1733 e 1748, começando a partir daí o declínio. No início do século XIX, a produção aurífera já não tinha maior peso no conjunto da economia brasileira. O retrocesso da região das minas foi nítido, bastando lembrar que cidades de uma vida tão intensa se transformaram em cidades históricas com o sentido também de estagnadas. Ouro Preto, por exemplo, tinha 20 mil habitantes em 1740 e apenas 7 mil em 1804.

A partir de então, outro metal desperta a cobiça: as atenções voltaram-se para o minério de ferro.Não mais o ouro era o responsável pelo crescimento e desenvolvimento da população e da economia mineira, foram encontrados depósitos de ferro que propiciaram o surgimento da indústria desse bem mineral no Estado. Ao longo do século XX, a consolidação da mineração do ferro, foi o fator responsável pelaorganização do espaço econômico mineirocontemporâneo. A atividade extrativa do minério de ferro cresceu juntamente com o fomento da siderurgia, historicamente, a aquisição e comercialização do minério de ferro sempre acompanharam o desenvolvimento da indústria siderúrgica (GAGGIATO, 2010). A partir do início do século XIX a atividade industrial minerária do ferro já estava presente no cenário do estado, consolidando a atividade durante todo o século.

"A extração de ferro foi o marco da mineração brasileira no século XX" (SOARES, 2008, p.35), segundo o autor, a década de 1960 foi marcada pela abertura do setor mineral brasileiro ao capital estrangeiro, resultando em grandes projetos com o minério de ferro. Neste contexto surgiram as empresas MBR – Minerações Reunidas Brasilerias S.A., SAMITRI, Ferteco Mineração S/A, CBMM- Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração e Mineração Usiminas S/A, dentre outras, assim construindo o

cenário da indústria extrativa mineral com a explotação do minério de ferro no estado.

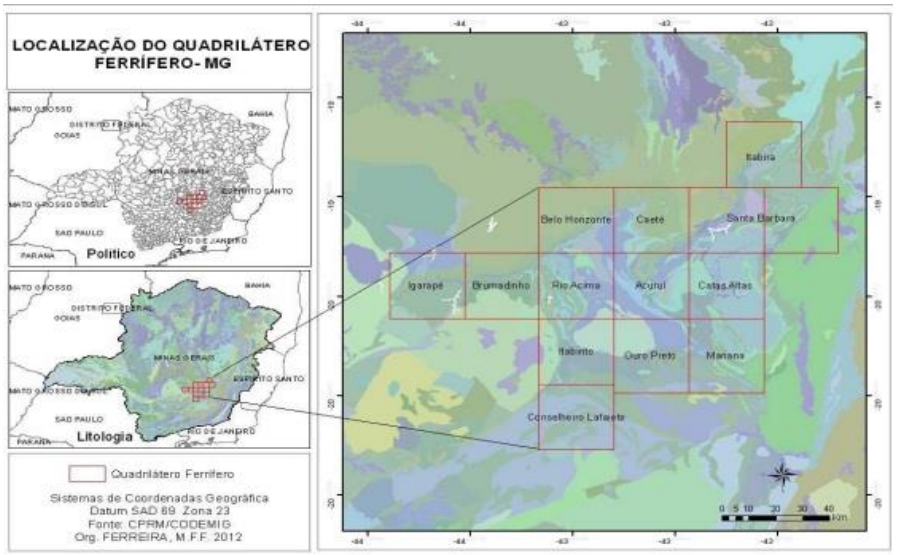
A instalação da empresa S.A. Mineração Trindade – SAMITRI em Mariana,na década de 1960, propiciou a atividade indusrial do minério de ferro na cidade, atraindo muitas pessoas que viviam em outras cidades para o município de Mariana. Em 1977, a Samarco Mineração S.A. deu início aos seus trabalhos na cidade e, em 1979, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) começa a construir sua base no município. Com a chegada destas mineradoras, a região foi se transformando em um complexo minerador industrial, com isso, muitos estudos geológicos e grandes investimentos foram realizados na região.

Os estudos do Quadrilátero Ferrífero - QF[3] foram se intensificando, a medida que as empresas de minério de ferro se instalavam no estado. Ainda na década de 1950, Ferreira(1958) afirma que Minas Gerais possuía um potencial, em minério de ferro, colossal, a ponto de dispor de 11 bilhões de toneladas só nos maciços das vertentes do Rio Doce, do Rio das Velhas e do Paraopeba, podendo-se mesmo estimar em 16 bilhões o potencial provável de minério de ferro em todo o Estado.

O quadrilátero ferrífero é a maior província mineral da região Sudeste. Localizado na região central do estado de Minas Gerais, nele se concentra cerca de 22% da população do estado, englobando 35 municípios. O principal minério extraído é o de ferro, seguido do ouro. Outras atividades industriais, como a siderurgia e a metal-mecânica, também se destacam no território.A figuraapresenta sua localização e seus principais munícipios :

Figura 1.2 -Localização da área do Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais com os principais municípios inseridos na área.

[3]O Quadrilátero Ferrífero ocupa a extensa área do território de Minas Gerais compreendidaentre os rios das Velhas e Paraopeba a oeste; o Santo Antônio e o Piaracicabaaté a confluência com o Doce, a leste; o paralelo de 19°30’ de latitude, ao norte,e aproximadamente 20°40’ de latitude ao sul. Corresponde à área central do Estado,abrangendo os territórios dos municípios Barão de Cocais, Belo Horizonte, BeloVale, Betim, Bom Jesus do Amparo, Brumadinho, Caeté, Congonhas, ConselheiroLafaiete, Contagem, Itabira, Itabirito, Jeceaba, Mariana, Moeda, Nova Lima, Ouro Branco, Ouro Preto, Raposos, Rio Acima, Rio Piracicaba, Sabará, Santa Bárbara,onde se localizam as relevantes jazidas de ferro, manganês e ouro do país.



Extraído de: FERREIRA, M. F. F., 2012, *apud* NUNES, 2012.

Durante o século XX, a exploração do minério de ferro cresceu em volume e importância, até se tornar o núcleo de uma cadeia produtiva que movimenta grande parte do Produto Interno Bruto(PIB)do estado, e responsável por considerável parte da produção mineral nacional. O gráfico mostra o histórico da produção brasileira de minério de ferro em porcentagem, comparado à produção mundial no século XX e início do século XXI. Observa-se um aumento considerável a partir da década de 1960, época onde o presente trabalho concentra a atenção.

Gráfico 1.3: Histórico da produção brasileira de minério de ferro em porcentagem na produção mundial no século XX e início do século XXI:

Extraído de: USGS/DNPM/IBRAM

Segundo relatório do DNPM[4], atualmente Minas Gerais é o maior produtor mineral do Brasil, o Estado responde por cerca 52% da produção nacional. Do ponto de vista econômico, a explotação do minério de ferro é a atividade extrativa mais representativa, segundo relatório do DNPM em 2016, a atividade foi responsável por 63% da produção mineral do país em 2016 representando a maior contribuição do CFEM[5] , sendo de 54%, no referido ano.

Diante do histórico apresentado, o fortalecimento da mineração no estado de Minas Gerais se deu como mecanismo para o processo de ocupação e povoamento do território e à sua formação sócio-espacial. Sendo assim, estabelecidas as relações da atividade mineradora no estado, esta se mostra como protagonista do desenvolvimento e construção social de muitas das vilas, comunidades e cidades que surgiram no estado.

1.2 Breve histórico da legislação mineral

Com o passar dos séculos, as técnicas usadas na mineração, então rudimentares, evoluíram para ações empresariais plenamente aderentes às práticas internacionais de sustentabilidade, em que se aliam a responsabilidade social e a preservação ambiental aos objetivos financeiros das operações minerárias. No entanto, percorreu-se um longo caminho para que chegasse a essas práticas. A concepção dos direitos e deveres dos atores envolvidos nas relações de trabalho estabelecidas na mineração, bem como a postura do Estado diante deles foi sendo modificadaaolongodotempo.

As modificações na legislação mineral brasileira buscaram ao longo dos anos estabelecer direitos e deveres nas relações das empresas com o Estado e com a sociedade. No Brasil, a legislação mineral passou por muitas transformações, refletindo as intenções dominantes em cada época. "De 1889, ano da proclamação da República, até os nossos dias, o Brasil conheceu seis constituições, que deram contornos diversos à legislação mineral" (BARBOSA, 1974, p.64).

Com o início da primeira república, as questões da mineração foram ligadas ao Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, criado pela Lei nº 23, de outubro

[4]Disponível em http://www.dnpm.gov.br/dnpm/publicacoes/serie-estatisticas-e-economia-mineral/informe-mineral/publicacoes-nacionais/informe-mineral-2016-2o-semestre. Acesso em 3/06/2017.

[5] CFEM - Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais representa o royalty do setor mineral. Estabelecida pela Constituição de 1988, em seu Art. 20, § 1o, é devida aos Estados, ao Distrito Federal, aos Municípios, e aos órgãos da administração da União, como contraprestação pela utilização econômica dos recursos minerais em seus respectivos territórios. Fonte: site do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

de 1891, não recebendo muita atenção neste período. Somente em 1907, observa-se uma maior preocupação com a legislação mineral com a criação do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (SGMB), criado pelo Decreto nº 6.323 de 10/01/1907.

Na primeira república, vigorou o regime de acessão, onde o direito mineral era vinculado ao proprietário do solo. Segundo Silva (1995), a nova república, trouxe novos conceitos no arcabouço legal da mineração, a primeira principal concepção foi pela definição do bem mineral como propriedade da Nação, cujo aproveitamento seria concedido a pessoas de direito privado. Isto significou, juridicamente, a desvinculação do solo e subsolo, trasnformando os bens minerais em bens da União. Em 1934, mesmo ano do primeiro Código de Minas, foi criado o Departametno Nacional de Produção Mineral- DNPM[6], representando um marco na mineração no Brasil. O ano foi de grande repercussão na história da mineração, com a promulgação da Constituição de 1934, e o surgimento do Código de Minas:

> Assinou-se (em 10 de julho de 1934) o Código de Minas , refletindo as propostas do governo originado pela Revolução de 1930. Até então o bem mineral pertencia ao dono da terra (direito fundiário) e a partir desse Código é iniciado o procedimento de concessão pelo Governo Federal (o bem mineral é considerado "*res nullius*" coisa de ninguém, administrado pelo estado) (SILVA, 1995, p.3).

Nos anos seguintes, a legislação sofreu algumas modificações, como no Código de Minas de 1940, seguindo os princípios da Constituição de 1937. Segundo Almeida (1996), a Constituição de 1937 tinha como princípios básicos a separação entre a propriedade do solo e a do subsolo; o aproveitamento do bem mineral estava sujeito à autorização federal, mas poderia ser descentralizado aos Estados desde que estes possuíssem condições técnicas para isso; e a nacionalização da mineração, pois a autorização só poderia ser dada a brasileiros ou a empresas constituídas por brasileiros. A autorização da lavra deveria ser precedida pela autorização de pesquisa e só poderia ser requerida se a jazida tivesse seu Relatório de Pesquisa aprovado pelo DNPM.

O Código de 1940 procurou traduzir os princípios da constituição em seus artigos, o código possuía 10 capítulos. No capítulo II, artigo 6°, a nacionalização da mineração é reforçada: "O direito de pesquisar ou lavrar só poderá ser outorgado a brasileiros, pessoas naturais ou jurídicas, constituídas estas de sócios ou acionistas brasileiros".

Poucos anos depois, foi decretada a Constituicão Federal de 1946, onde

[6]Criado pelo decreto número 23.979, de 08/03/1934

novamente foi definido princípios gerais da atividade de mineracão, ressaltando-se que as autorizações ou concessões serão conferidas exclusivamente a brasileiros ou a sociedades organizadas no país, assegurada ao proprietário do solo preferência para a exploração. Almeida (1996) salienta alguns aspectos desta constituição, como:

> A separação entre a propriedade do solo e a do subsolo, ao mesmo tempo sedá preferência ao superficiário na exploração do subsolo; o aproveitamento dos recursos minerais depende de autorização e concessão federal; sobre a nacionalização, a Constituição de 1946 é dúbia, estabelecendo exclusivamente para os brasileiros- pessoas físicas mas admitindo a autorização ou concessão para sociedades organizadas no país, o que permitiria a participação do capital estrangeiro na mineração; admite a descentralização, aos estados que estivessem capacitados técnica e administrativamente, da competência relativa a autorização ou concessão do aproveitamento dos recursos minerais. (ALMEIDA, 1996, p.24)

No cenário brasileiro, surgem então, os anos da ditadura militar, advindos depois do golpe de 1964, vivenciada por um grande crescimento das atividades da mineração. Neste período, o Estado publicou o Código de Mineração de 1967, alterando sua estrutura burocrática, caracterizado, entre outros aspectos, por substituir o direito de preferência do proprietário do solo para a exploração dos recursos minerais, anteriormente reservada na concessão de Direitos Minerários, pela sua participação nos resultados da lavra. Os primeiros anos do governo militarfoi marcado por grande investimento na indústria mineradora, onde ocorreu a ampliação e diversificação do aproveitamento para exportação dos recursos minerais.

Acerca do Código de Mineração de 1967, Silva (1995) mostra que:

> No Código estão contidos capítulos que tratam dos regimes deaproveitamento dos recursos minerais, de conceitos como os da pesquisa mineral e da lavra, dos direitos do minerador e do proprietário do solo, das servidões, do direito de prioridade, da área livre, da disponibilidade de áreas, das empresas legalmente habilitadas à mineração, do grupamento mineiro, do consórcio de mineração, do reconhecimento geológico, da cessão de títulos minerários, das sanções e nulidades, entre outros assuntos.

A década de 1970 foi marcada por grandes investimentos em trabalhos exploratórios e pesquisas tecnológicasno país. Durante a década, a atividade de mineração continuou avançando e atraindo grandes recursos. Nos anos 80, os investimentos enfraquecem, juntamente com o regime militar, a crise política e econômica culminaram em grandes mudanças no cenário mineral.

A Constituição de 1988 promoveu importantes alterações, como por exemplo a extinção do Imposto Único sobre Minerais – IUM, principal forma de tributação da

atividade mineral até então, e a criação do CFEM, da qual, é devida pelas mineradoras em decorrência da exploração de recursos minerais, para fins de aproveitamento econômico. A compensação financeira, bem como asalíquotas aplicadas sobre o faturamento líquido para obtenção do valor da CFEM, variam de acordo com a substância mineral, para atividades do setor de minério de ferro, por exemplo, é devida a aplicação de 2% da alíquota aplicada sobre o faturamento líquido do valor da venda do produto mineral, segundo a legislação determinada pelo DNPM.[7]

A partir de então, questões ambientais foram se tornando relevantes por influências internacionais. No ano de 1972, em Estocolmo, realizou-se a "Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano", onde foram discutidas importantes idéias de proteção ao meio ambiente, como a idéia de desenvolvimento sustentável- desenvolvimento capaz de suprir as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. A Conferência de Estocolmo em 1972 foi de grande relevância para as questões ambientais, alguns aspectos ambientais contidas na Constituição de 1988, foram influenciados pelas considerações realizadas nesta conferência.

As exigências socioambientais se tornam cada vez mais atuais, como mostra uma consideração acerca do assunto: "a conclusão final dos estudos que desenvolvemos, é de que a concessão ou licença minerária não é mais suficiente. As empresas devem obter uma licença social, da qual depende de processos de consulta, participação local e - cada vez mais - de um sólido diálogo tripartido" (Banco Mundial, 2003).

A criação dos mecanismos legais acerca dos impatos sociais, como o licneciamento social, constitui um marco para que a atividade extrativa mineral atue com responsabilidade e minimize seus impactos, pois muito dos passivos sociais e ambentais se deram devido a falta de mecanismos legais.

1.3 O cenário político econômico mineral em Minas Gerais entre as décadas de 1960 e 1980

A década de 1960 foi marcada pela abertura do setor mineral brasileiro ao capital estrangeiro, seguido do avanço da industrialização. No início da ditadura militar houve uma importante fase para a indústria brasileira, um entreguismo da indústria nacional, como reflexos da política de Juscelino Kubitschek. Outra importante fase,

[7]Informações retiradas do site : http://www.dnpm-pe.gov.br/Legisla/Cfem.php , acessado em 06/03/2017.

após o general Geisel, foi a tentativa de nacionalização das indústrias, o que desagradou o capital internacional, e influenciou o fim da ditadura no país. A época de relevância para este estudo está na primeira fase, onde se tem o acelerado crescimento da atividade mineral no Brasil, incentivado pelos interesses do governo.

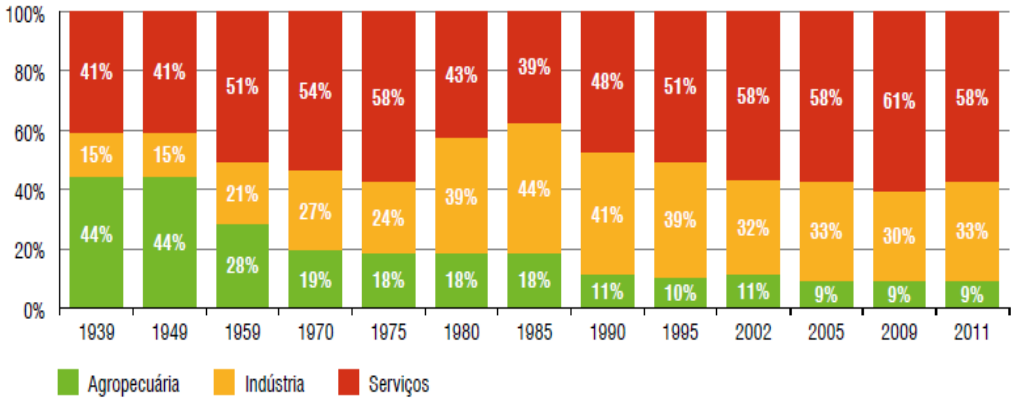
Na metade da década de 60, os altos fornos de grande capacidade começaram a dominar o cenário produtivo e a produção de larga escala passou a ditar as regras de consumo de insumos, o que resultou na generalização da produção e consumo dos minérios aglomerados (SOUZA, 1991). Como mostra Almeida (1996), o desenvolvimento da indústria mineral brasileira, de 1955 a 1964, é resultado de um conjunto de transformações econômicas, políticas e sociais que o país vinha sofrendo desde a II Guerra Mundial e que esteve vinculado ao crescimento da produção dos minérios de ferro e de manganês.

A industrialização do estado de Minas Gerais, numa síntese bem marcante, focaliza o novo cenário econômico do Estado na década de 1960, como mostra Ferreira (1958.):

> Minas Gerais sofre sem dúvida uma profunda transformação nestes últimos anos; pode-se mesmo dizer que o Governador Juscelino Kubitschek imprimiu ao Estado uma fisionomia econômica. O seu amplo programa de eletrificação tirou o Estado da situação de preponderância de uma economia agropecuária e entrou vivamente no terreno industrial.

No início do século XX a agricultura figurava um setor importante para a economia do estado de Minas Gerais. No entanto, após os anos cinquenta é notório a queda da participação da agropecuária na composição do PIB por atividades, dando lugar ao crescimento do setor industrial, devido em grande parte, à evolução da Indústria Extrativa Mineral-IEM, principalmente em Minas Gerais. O gráfico demonstra esta análise:

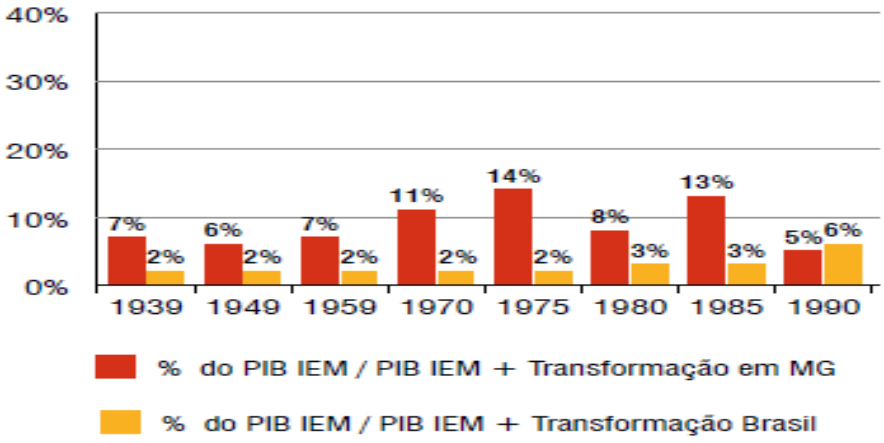
Gráfico 1.4: Composição do PIB por atividades em Minas Gerais – participação indicada em porcentagem:



Extraído de: FGV a partir de dados do IBGE, obtidos do livro Panorama da mineração no Brasil, 2011.

O próximo gráfico mostra a evolução das participações do PIB da Indústria Extrativa Mineral, no estado de Minas Gerais, comparado com o cenário nacional, evidenciando como o estado estava inserido de forma decisiva na economia do Brasil durante as décadas de 1960 a 1980:

Gráfico 1.5: Participação do PIB da Indústria Extrativa Mineral sobre o PIB das Indústria Extrativa Mineral e de Transformação , em Minas Gerais e Brasil – Anos selecionados em %



Extraído de: FGV a partir de dados do IBGE, obtidos do livro Panorama da mineração no Brasil, 2011.

Coelho (1997), afirma que o modelo de desenvolvimento impulsionado pela alta das commodities e pela entrada de capitais externos ao estado de Minas Gerais, como também em outros estados, foi resultado da readequação realizada nos países latino-americanos no pós-crise da dívida externa, que os empurrou para a especialização em setores intensivos em recursos naturais.

Logo, o governo brasileiro na década de 1960, acatou e apoiou a divisão internacional do trabalho, onde assumiu o papel de fornecedor de matéria-prima.

OEstado adotou um modelo de desenvolvimento econômico associado e subordinado ao capitalinternacional (REGINATTO,2015). A autora ainda ressalta a ascenção dos interesses do capital multinacional e associado no setor da mineração, como a atuação de alguns de seus agentes na coalizão do golpe de 1964seguido das mudanças implementadas na legislação mineral logo no primeiro governo do novo regime.

SegundoBarreto (2001), os governos militares acreditavam na mineração como fator de integração nacional e de ocupação do território:

> Os governos militares acreditavam na mineraçãocomo fator de integração nacional e incentivaram a criação de vilas de mineração. Aliás, dificilmente poderia ter sido diferente, dada a precariedade dos meios de transporte e de comunicação da época.[...]Essas vilas serviram efetivamente para fixar a população. Havia também as "corrutelas", que abrigavam os serviços auxiliares necessários às concentrações garimpeiras e que acabaram crescendo e se tornando núcleos residenciais e até mesmo cidades.

Como citado acima, as vilas serviram como forte estratégia para concentrar os funcionários da empresa de acordo com os padrões estabelecidos pela mineração, e diante da dificuldade de instalarem em outros lugares, devido as vias de transporte ainda serem precárias, a permanência das vilas ao redor de siderúrgicas e mineradoras, foi um processo que se consolidou rapidamente.

Em 1964, foi aprovada pelo governo militar, propostas do Ministro das Minas e Energia, de priorização política do setor mineral brasileiro. Tais propostas como mostra Silva (2012), foram apoiadas em quatro pontos fundamentais, sendo eles: i) aproveitar intensa e imediatamente os recursos naturais conhecidos; ii) ampliar a curto prazo o conhecimento do sub-solo do País; iii) promover a regulamentação dos artigos 152 e 153 da Constituição Federal; iv) e propor a revisão do Código de Minas.

Neste contexto de forte investimentos na indústria mineral, rapidamente os resultados surgiram, como mostram os levantamentos do governo, publicados em 1974[8]:o minério de ferro aumentou sua produção de 27,6 milhões de toneladas em 1969 para aproximadamente 53,0 milhões em 1973, correspondendo a um incremento da ordem de 92% no período. As exportações se situaram, em 1973, em torno de 43,5 milhões de toneladas que, comparadas com 21,5 milhões em 1969, apresentam crescimento de 102,5% no quadriênio. As principais empresas responsáveis pela produção nas décadas de 1960 e 1970 foram a Companhia Vale do Rio Doce, SAMITRI

[8]MÉDICI, EMÍLIO GARRASTAZ U - Presidência da República Casa Civil Secretaria de Administração Diretoria de Gestão de Pessoas Coordenação – Geral de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca. Mensagem ao Congresso Nacional, de 1974.

e a FERTECO Mineração S/A.

Como consequência desse período de crescente peso das matérias primas na pauta de exportações brasileiras, juntamente com o aumento da capacidade do capital estrangeiro de pressionar a política econômica nacional, tem-se o aprofundamento da dependência pelo mercado internacional(COELHO, 2015).

Os preços são definidos no mercado internacional e os rumos da economia local serão decididos de acordo com a oscilação destes preços sem considerar os interesses das populações afetadas pela exploração de matérias primas. Coelho (2015) explica que tal dependência aumenta a vulnerabilidade do país às flutuações do mercado internacional no que diz respeito aos preços das matérias primas, com rápida transmissão de crises econômicas, fazendo com que o governo flexibilize as exigências sociais e ambientais através do que conhecemos como dumping social e ambiental.

Neste contexto, observa-se que a década de 1960 contribuiu consideravelmente para a dependência econômica, política e cultural do país e não deve ser pensada somente como resultante da ação isolada e independente do capital internacional. Se deve também à íntima articulação financeira em favor da industrialização governamental-militar da burguesia internacional, juntamente com as elites brasileiras e a derrota de projetos políticos das classes oprimidas, o que permitiu a implementação e sustentação desse modelo econômico. Como é evidenciado Scliar, (1994):

> Durante as décadas de 1960 e 1970 os governos brasileiros estiveram, sistematicamente, se negado a participar de associações e acordos promovidos por países produtores de minérios. Pelo contrario, a prática foi boicoada a essas oganizações, com uma clara preferencia ao alinhamento com os países consumidores e com as empresas multinacionais.[...] A participação do Brasil seria fundamental para garantir uma posição de força na defesa de preços minímos, em especial no final da década de 70. Mas mesmo após insistentes pedidos dos associados da IBA (Associação Internacional de Bauxita), a política brasileria se manteve inalterada.(SCLIAR, 1994, p.54)

Asdécadas de 1970 e 1980 aparecem com um novo cenário na mineração, intensifica-se a responsabilidade socio-ambiental, segundo Villa Bôas (2011, p.13) “as décadas de 70 e 80 chegaram com a preocupação de como, e quando, as empresas deveriam responder sobre as suas obrigações sociais”.

A partir desse breve levantamento acerca dos aspectos políticos e econômicos, no que tange ao crescimento da mineração nos anos analisados, bem como o exercício de interpretação histórica estabelecido neste capítulo, pode-se apontar como se deu o

processo estabelecido pelas mineradoras, ao atender aos interesses do capital multinacional e associado antes e depois dos governos ditadores, admitindo o processo de transnacionalização da mineração brasileira. Nesse sentido, observa-se como se consolidou a atividade extrativa mineral no Brasil, e especificamente no estado de Minas Gerais, e a partir de então, entende-se um pouco mais dos processos consolidados na territorialização do estado, pelas empresas mineradoras. As modificações jurídicas na legislação destinadas ao setor, e as políticas públicas, são sempre significativas no que tange aos direitos e deveres durante a ocupação do espaço da mineração, no entanto, estão em constante adaptação aos interesses de cada época.

O município de Mariana, devido ao potencial em recursos minerais, foi escolhido pela empresa SAMITRI, na década de 1960, como já mencionado anteriormente neste capítulo, para sediar o empreendimento da Mina de Alegria, implantado pelo impulsionamento que o setor da mineração mostrava nessa época, apoiado pelo Estado. O projeto de extração de ferro em Mariana foi, então, financiado por capitais nacionais e estrangeiros, fazendo parte da estratégia de atores nacionais e internacionais, cujo objetivo era alimentar o crescimento siderúrgico nacional e internacional, e a expansão de um mercado globalizado de investimentos de capital internacional em áreas de riquezas naturais.

2 BASES CONCEITUAIS E TEÓRICAS DOS ASPECTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA COMUNIDADE

Ao se tratar da empresa SAMITRI não como um simples ator na comunidade de Vila Nova, mas como o maior transformador ou potencializador das mudanças socioespaciais ocorridas, pode-se construir, em termos teóricos, algo identificado como o "espaço da mineração", não um espaço geográfico comum, mas o que sofreu os impactos do empreendimento e interesses do projeto. Neste capítulo, será abordado bases teóricas acerca do processo de territorialização identificado no distrito de Alegria, durante a formaçãoda comunidade e dasua identidade política e sociocultural.

Neste âmbito, o estudo neste capítulo baseia-se nos apontamentosdas ciências sociais, abordando a antropologia social e a sociologia, considerando o homem como ser culturale tendo-o como elemento integrante de agrupamentos e relações sociais. Busca-se, através do estudo deste capítulo, o entendimento do processo de desenvolvimento social do indivíduo na comunidade que o insere, bem como a capacidade de classificar tais experiências e de codificá-las.

Para um melhor entendimento construiu-se esse capítulo em partes, onde retrata-se a princípio os conceitos de território e espaço; posteriormente busca-se entender como se consolida a ocupação desse espaço como comunidade, responsável por reproduzir simbologias, e por fim relacionar aos indivíduos a construção de uma identidade sociocultural advinda das relações estabelecidas.

Ao analisar o indivíduo diante das transformações socioespaciais, Hoebel (1981) ressalta que este entendimento é uma compreensão aprofundada de nós mesmos, e pode aumentar nossa capacidade de orientar o futuro com maior inteligência a respeito do destino que queremos atingir e sobre a maneira de o alcançarmos.

2.1 Ocupações do território e produção do espaço

Primeiramente, o que é um território no contexto desta pesquisa? Segundo Santos (1999, p.8):

> O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas. É o território usado que é uma categoria de análise.

Essa definição vem ao encontro do entendimento da pesquisa, pelo fato de relacionar o espaço físico com as práticas nesse espaço, que consistem nos atos dos atores sociais no cotidiano através das relações construídas, criando laços de pertencimento, que ao se articularem, criam-se comunidades.

O território e demais processos territoriais, como apropriações e expropriações, tem relações com a espacialidade humana. De acordo com Wanderley (2005), a partir da análise geográfica pode-se discutir como as relações entre sociedade e natureza transformam os objetos e as ações constroem, destroem e reconstroem territórios.

As formas de uso e ocupação de um determinado local condicionam transformações no meio geográfico. A ocupação do território é determinada por um modo de produção do espaço, o que leva a movimentação de pessoas e bens.“É no espaço que se dão todas as relações sociais e de poder, alterando a dinâmica social e espacial de um determinado local” (CUAMBE E FILHO, 2012, pag 7).

Entender as transformações ocorridas em um território dentro do contexto social é procurar compreender as relações que o homem é capaz de estabelecer. Para Cuambe (2012) é necessário que se perceba como as transformações ocorreram no território através de seus relatos históricos e a compreensão dos seus processos, sendo o território palco da construção do espaço.O conceito de território ao qual aqui se refere, é compreendido como porção físico-espacial abarcando relações socioeconômicas e culturais e com elas interagindo.

Esse entendimento propõe a junção de aspectos físicos com as ideologias espaciais, configurando um quadro formal de representações e sistemas de valores das comunidades que o habitam. O território é um lugar compartilhado no cotidiano, criador de raízes, laços de pertencimento e símbolos que lhes dão sentido e motivam seus movimentos internos, como explicam Ribeiro e Milani (2009):

> O território é um espaço de construção social, política, econômica e simbólica. Trata-se, portanto de *locus* privilegiado onde a vida comunal acontece, com a multiplicidade de relações possíveis que lhe confere unicidade e personalidade próprias. Revela as relações de poder, o que o configura como espaço de lutas sociais cotidianas e em constante transformação. A dinâmica e a transformação são, portanto, duas de suas características intrínsecas. O território representa, assim, as relações sociais no espaço.

Existe uma conformação de que as relações sociais, econômicas e ambientais se dão no território, ao mesmo tempo em que as relações sociais são reproduzidas no espaço. “É nele que ocorrem as transformações geográficas e espaciais decorrentes do

desenvolvimento docapitalismo" (CUAMBE, 2012). Diantedestas considerações identifica-se uma relação entre a construção material e a construção simbólica do espaço, onde processos econômicos, políticos e culturais são unificados.É através destes processos que o espaço e uma comunidade se constroem e se modificam.

Os aspectos simbólico-culturais vinculados às bases territoriais, obtiveram reconhecimento durante a década de 1980, sobretudo,a partir dos anos 1990, onde as abordagens sobre território sofreram alterações significativas (SAQUET, 2007.*apud* Almeida, Vagas e Mendes,2011). A consideração destes aspectos levaao conceito de territorialidade e tem sido de muita importância para enfatizar as questões de ordem simbólica e cultural, bem como o sentimento de pertencimento. Esta apropriação simbólico-expressiva do espaço traz siginificados e possibilita uma compreensão datotalidade dos fenômenos que se manifestam em determinado territórioonde relações de poder são estabelecidas (ALMEIDA, VAGAS E MENDES, 2011).

De acordo com Corrêa (2003), "a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história". Segundo o autor, as pessoas ao elaborarem sua história, a partir da dominação e do controle do meio natural, se (re) organizam no espaço de acordo com suas necessidades. Assim, a organização espacial refletirá a identidade cultural do grupo que a criou.

2.2 Apropriação do espaço como comunidade

Ao se tratar da apropriação do espaço como comunidade, as análises recaem sobre a antropologia social e cultural, da qual abrange tudo que constitui uma sociedade, seus modos de produção econômicos, suas técnicas, sua organizacão política e jurídica, suas crenças, religiosidade, língua, entre outros aspectos.

Aos olhos das ciências sociais, referir aos aspectos de um espaço social como uma comunidade não é algo concreto, pois não se pode experimentá-la diretamente, cada uma é um espaço único, de acordo com os processos de espacialização da qual se originou, portantonão existem duas iguais. Como visto no subcapítulo anterior, a territorialização é um processo que envolve as relações sociais, em várias formas, de acordo com sua distinção, logo, a apropriação do local como comunidade apresenta a mesma complexidade.

Para Fernandes (2007), estudar comunidade é entender o passado daquele local, localizá-lo social e espacialmente, e perceber oque motivou as transformações daquele espaço. Ainda, o autor explica:

> A comunidade é também única, individualizada e heterogênea em sua caracterização: singular quanto à sua história, se possui ou não uma tradição mineira, na sua inserção geográfica e cultural, no país, no estado e na região a que pertence e quais são as outras atividades econômicas nela existentes (FERNANDES, 2007, P.8) .

Ao definir comunidade em uma perspectiva sociológica, Bartle (2008), como cientista social, considera que uma comunidade não se restringe somente às pessoas que a residem, mas sim a todas que já estiveram envolvidas no processo de construção da mesma, até as que já não fazem mais parte fisicamente. Segundo o autor, "não se trata apenas de um conjunto de indivíduos; é um sistema sóciocultural; é organizada socialmente". Ao conceituar a comunidade, o autor diz :

> O conceito de comunidade não é apenas uma "construção" (modelo), é uma "Construção Sociológica." É um conjunto de interacções, comportamentos humanos com significado e expectativas entre os seus membros. Não se trata apenas de uma ação isolada, mas de um conjunto de ações que têm como base a partilha de expectativas, valores, crenças e significados entre os indivíduos. (BARTLE, 2008)

Ao aplicar o conhecimento acerca de comunidade, ao objetivo de caracterizar um determinado local, Bartle mostra que as comunidades possuem fronteiras pouco concretas, podem estar inseridas em outras comunidades e podem mover-se. Segundo o autor, ao se tratar da apropriação de comunidade, deve-se considerar as relações dos habitantes com outras comunidades, a ligação entre as fronteiras físicas dos territórios e as mobilidades ocorridas com as comunidades vizinhas.Conclui-se que as fronteiras de uma comunidade não estão bem delimitadas e podem estar sob constante transformação.

A compreensão da apropriação de uma espaço como comunidade se dá também, através do entendimento de seus símbolos, do que aquela comunidade pode transmitir como mensagem, considerando que seja um organismo social, tal como é, transcende a vida dos individuos que a compôem e tem vida própria. Ao considerar os estudos de Bartle (2008), percebe-se que uma comunidade transmite uma simbologia através de seus elementos sociais e culturais.

Bartle (2008) ainda explica que, quando um indivíduo se separa de uma comunidade e insere em outra, ou quando a sua própria comunidade se modifica, ocorre uma aculturação. Diante disso, um local que passa por transformações acarreta nos indivíduos um acúmulo de processos de aculturação. Este processo se agrava ainda mais porque antes da aculturação, todo indivíduo quando criança passa por uma interiorização ou, socialização até se tornar adulto. Isso explica a independência da

comunidade em relação aos indivíduos, mesmo que estes sejam parte dela. Ou seja, “uma comunidade se identifica como um sistema, constituído por ideias apreendidas, expectativas e comportamento de seres humanos” (BARTLE, 2008)

O comportamento, modo de vida, hierarquização de um espaço construído, sua cultura compartilhada, bem como todas as dimensões envolvidas, é entendido como comunidade pois pode ser transmitido, e se tornar uma simbologia, uma identificação única do local. As dimensões estabelecidas para o entendimento dos aspectos de uma comunidade são: Tecnológico; Econômico; Político; Institucional (social); valor estético; e Crenças e conceitos. Tais dimensões serão analisadas neste trabalho, posteriormente, uma a uma ao expor a comunidade Vila Nova como estudo de caso.

Uma representação da comunidade como centro das influências das dimensões socioculturais que a permeiam:

Figura 2.1 A comunidade e as dimensões sociais

Fonte: o autor (2017).

2.3 Construção da identidade social

As comunidades não se organizam do mesmo modo, logo, as identidades criadas são diferentes, este subcapítulo retrata acerca da construção da identidade, diante das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos que compartilham de um mesmo espaço.Hall (2005), ressalta a dificuldade de conceituar identidade, uma vez que se trata de um termo "demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco

compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova" (HALL, 2005). As identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistasdependentes do contexto social, da qual influencia consideravelmente para a construção destas identidades.

O homem cria um vínculo com o espaço ocupado, e então, "os laços de identidades se manifestam na convivência com o lugar, com o território, e os significados desses laços, porém, não são marcados pela unicidade, massim pela multiplicidade de sentidos" (ALMEIDA, 2008, p. 58).

O indivíduo, para reconhecer-se socialmente necessita de uma identidade, da qual é construída individualmente e coletivamente, é necessário que o sujeito e o grupo social a que esteja inserido represente uma força simbólica. O contexto social a que os indivíduos estão inseridosexerce fundamental papel na consolidação de identidades, para Foetsch (2007) a construção destas identidades se intensificam ao se tratar de uma organização que se mantém ao longo do tempo, em um determinado espaço e contexto social e político fortemente marcado por relações de poder, como o espaço construído pela mineração em uma comunidade.

A identidade social se apresenta, então, como um processo resultado de uma construção social, para Goffman (1988):

> A identidade de um determinado indivíduo é construída a partir dos parâmetros e expectativas estabelecidas pelo meio sociais. Os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma das categorias são determinados pela sociedade. São os ambientes sociais que determinam as categorias depessoas que neles podem ser encontradas.

Ao analisar a interação dos atores ao ocupar um espaço e formar uma identidade sociocultural, considera-se que "essa identidade estaria articulada a uma identidade nacional, determinada também historicamente e que deve ser localizada em um determinado tempo e espaço [...]" (FOETSCH, 2008). Esta consideração condizà realidade do presente estudo, visto que foi necessário entender o contexto histórico para explorar a situação.

No processo de ocupação e construção de um espaço, os atores sociais constroem, modificam e transformam comportamentos, legitimando identidades sociais. Ao analisar estas relações, Wanderley (2005F) explica:

> As transformações que ocorrem ao longo das relações entre os atores constroem a identidade de cada grupo, que serão norteados por discursos legitimadores de cada interesse. O espaço complexo constituído por campos de forças diversas e múltiplas relações de

> poder, se torna um rico campo de análise do comportamento humano e de como se cria uma identidade sociocultural.

Diante dos aspectos estudados neste capítulo, considera-se então, aidentidadecomo resultado de uma construção social edotada da complexidade que permeiam o entendimento das ciências sociais, como a posição que o indivíduo ocupa em uma organização, a hierarquização das diferentes posições sociais, ou seja, o indivíduo está sujeito a inúmeras influências de seu meio social. As dimensões sociológicas, que designam o ser humano distinto de todos os outros, está condicionada ao seu contexto histórico e social, que exprime especificidades e características .

Uma representação, que identifica o indivíduo como centro das influências que o permeiam, e é colocado em função da situação relacional em que se encontra:

Figura 2.2 O indivíduo e as influências sociais

Fonte: o autor (2017).

A discussão desenvolvida possibilita entender que a identidade social de um indivíduo é construída em oposição a outras e são condicionadas por processos sociais determinados pelas estruturas sociais. Barletto (2009) diz, que todo grupo apresenta uma identidade que está em conformidade a sua definição social, que o situa no conjunto social. Logo, a identidade social não diz respeito apenas aos indivíduos, ela está condicionada a uma estrutura “socialmente organizada”, pois esta, já foi estabelecida dentro de contextos históricos, políticos e culturais, ou seja, as influências submetidas ao indíviduo o constroem socialmente.

3 A ATIVIDADE MINERADORA E O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE VILA NOVA

3.1 Caracterização da área de estudo

As particularidades geográficas da região da Mina de Alegria, onde a comunidade em estudo se localiza, segundo osaspectos físicos, econômicos, políticos e históricos, são determinantes para dar sentindoaos processos de ocupação. As especificidades de determinado local são também, fontes de análise, em que se pode identificar a territorialização, e localizar os objetos de interesse. Nesse estudo de caso, os recursos naturais e rigidez locacional se apresentam como uma especificidade do empreendimento mineiro, da qual justificou a instalação da empresa no distrito de Alegria, em Mariana.

A Mina de Alegria se encontra na bacia do rio Piracicaba, tributário da margem esquerda do rio Doce, está situado junto aos contrafortes da Serra do Caraça, na porção norte do município de Mariana e a leste do Quadrilátero Ferrífero.

A área compreendida da Mina de Alegria caracteriza um domínio estrutural específico desta província metalogenética, o que é sustentado pela presença de parâmetros estruturais, tais como interseção de dobras e entre dobras e falhas, partição de estruturas ao longo de falhas e reativações de estruturas antigas.

Na região da Mina de Alegria, afloram a maioria das unidades estratigráficas do Quadrilátero Ferrífero em complexa relação estrutural e estratigráfica. Neste local, o pacote de formação ferrífera, intensamente deformado, adquire grande espessura, expressão da zona de charneira do Sinclinal de Alegria. Os principais litotipos existentes na região da Mina de Alegria são itabiritos diversos e hematitas da Formação Cauê, Grupo Itabira, e, subordinadamente, filitos grafitosos, filitos prateados e quartzitos ferruginosos do Grupo Piracicaba; e, por fim, rochas metamáficas intrusivas.

A caracterização do local, aqui apresentada, justifica geologicamente os empreendimentos realizados na Mina de Alegria. Como visto, a área é privilegiada em recursos minerais, especialmetne o minério de ferro, propiciando a instalação de grandes empresas mineradoras.

3.1.1 Histórico do distrito de Alegria

O distrito de Alegria era reconhecido por ter uma importante fazenda em sua área: a Fazenda da Alegria. No fim do século XVIII, a fazenda, de propriedade do Capitão Manoel Pedro Cota[9], foi ali construída, por ser local estratégico da rota Mariana – Santa Bárbara. A propriedade rural era frequentada e muito movimentada, a região era rica em ouro e, por muito tempo, este metal foi ali explotado. Em relatos sobre o Capitão Manoel Cota, observou-se:

> "Sua casa era bem movimentada e alegre, apesar da trabalhosa vida na fazenda. Tinha vários amigos, entre eles o Barão de Cocais e o Barão de Catas Altas, também envolvidos na extração do ouro. A sede da Fazenda Alegria, no Município de Mariana (MG), foi construída em local onde podia, num pouso confortável, receber os amigos nas rotas do Congo a Ouro Preto, Inficionado, Santa Bárbara, Catas Altas e Cocais. Além das atividades na mineração, o Capitão também era conhecido pelo intenso comércio de escravos, com os quais abastecia boa parte da região. Eram elevados seus lucros, sempre investidos na compra de novas terras e ampliação de benfeitorias." [10]

No século XIX, tendo sido descobertas maciças reservas de minério de ferro, foi iniciada uma incipiente exploração deste minério de ferro e sua transformação em ferro por meio de forjas catalãs, cujas ruínas ainda existem na fazenda de Alegria, o local continuou sendo ponto de encontro entre os fazendeiros da região até o começo do século XX.

No decorrer do ano de 1909, a Fazenda de Alegria foi vendida a um grupo americano e em 1940 veio a ser de propriedade da Companhia Siderúrgica Belgo Mineiro (CSBM), que mais tarde transferiu seus direitos sobre suas áreas mineralizadas à SAMITRI. Como vemos no registro:

> "Sebastião Pedro Cota, em 1875 recebeu de seu irmão Manoel Pedro da Cota Júnior a escritura da Fazenda da Alegria, que tinha pertencido a seu pai. Os seus descendentes venderam a propriedade, em 1908, a José Vasconcelos Monteiro e ao Tenente-Coronel Manoel Martins Cota. Posteriormente, a Fazenda passou para as mãos de Edmond Cecil Harder e das empresas "The Brazilian Iron and Steel Company" e Companhia

[9] Natural de Antônio Pereira, distrito do Município de Ouro Preto (MG), tendo por padrinho o Contratador João Rodrigues de Macedo, que foi proprietário da Casa de Contos de Vila Rica (MG). Senhor de Minas e fazendeiro. A empresa SAMITRI, publicou um trabalho intitulado "Fazenda da Alegria – A Vida de um Fazendeiro e Senhor de Minas no Século XIX", com muitas informações sobre Manoel Pedro. – informações obtidas no site : http://www.usinadeletras.com.br. Acesso em: 10/02/2017.

[10] Informações do site http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=4714&cat=Ensaios Acesso em : 10/02/2017.

> Siderúrgica Belgo-Mineira, pertencendo, desde agosto de 1961, à empresa SAMITRI."[11]

De acordo com um ex- funcionário da Samitri, as reservas de Alegria foram descobertas dentro de uma área de plantação de eucalipto da Belgo Mineira, que comprou a terra para atividades de reflorestamento. Com as informações dos geólogos sobre a presença de minério de ferro, a siderúrgica ampliou as suas propriedades na região.

Como visto, historicamente, o localsempre esteve relacionado às questões da atividade mineradora, sendo uma das características das fazendas da região. A propriedade rural da fazenda da Alegria também teve sua importância na agricultura, mas foi com a mineração que o local desenvolveu. Hoje, ao redor da fazenda da Alegria situa-se a maior mina do Complexo Minerador de Mariana[12], produzindo 28.437 milhões de toneladas de minério de ferro no ano de 2016, segundo relatório anual da VALE.[13]

3.2 A formação da comunidade Vila Nova em Mariana

Durante o século XX a aquisição e comercialização do minério de ferro sempre acompanharam o desenvolvimento da indústria siderúrgica (GAGGIATO, 2010). Nesse contexto, como já mencionado neste trabalho, surgiu a empresa SAMITRIem 1939, organizada com o nome de Sociedade Anônima Mineração da Trindade– SAMITRI.Em 1952, a CSBM- Cia. Siderúrgica Belgo Mineira[14], adquiriu a SAMITRI, e então foram incorporados os terrenos da fazenda da Alegria, em Mariana, e a região de Morro Agudo, no município de Rio Piracicaba. Santos (1997) explica :

> No final da década de 1950, início da década de 1960, com o elevado consumo de minério de manganês no mundo, a Belgo Mineiro, por meio da S. A. Mineração da Trindade, inicia os trabalhos de prospecção de manganês no Brasil. Para cumprir as exigências do código mineral brasileiro de ser proprietária dos

[11]informações do site http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=4714&cat=Ensaios. Acesso em : 10/02/2017.

[12]As minas deste complexo estão localizadas nas cidades de Ouro Preto, Mariana e Catas Altas. Minas: Alegria, FábricaNova e Fazendão.

[13] Relatório Produção da Vale no 4T16. Disponível em : http://www.vale.com/PT/investors/information-market/quarterly-results/ResultadosTrimestrais/2016%204Q%20Production%20Report_p.pdf. Acesso em : 03/06/2017.

[14]Em 11 de dezembro de 1921 a Companhia Siderúrgica Mineira em associação com o grupo belga-luxemburguês ARBED (Aciéries Réunies de Burbach – Eich – Deudelange), fundou a Siderúrgica Belgo Mineira. Antes mesmo da fundação da empresa, representantes da ARBED compraram a antiga propriedade de Jean Monlevade, em São José do Piracicaba, que viria a se transformar, posteriormente, no município de João Monlevade.

> terrenos para explorar as jazidas, a Belgo adquire então enormes léguas de terra na região do quadrilátero ferrífero e do Vale do Rio Doce. A compra das terras objetivava ampliar as reservas de eucalipto e minério de ferro - matéria prima da siderúrgica.

As atividades de explotação mineral da SAMITRI localizavam-se no estado de Minas Gerais, nos municípios de Mariana, Ouro Preto, Rio Piracicaba, Santa Bárbara e Bela Vista de Minas, divididos em quatro distritos mineiros: Distrito de Alegria, Morro Agudo, Córrego do Meio e Andrade, respectivamente (LAMOSO, 2001).

A Mina de Alegria veio a ser uma das quatro minas que a SAMITRI possuía na década de 1960. A atividade industrial para exloração do minério de ferro, instalada em 1969 na Mina de Alegria, foi apenas o começo de um promissor projeto de mineração instalado na região, como já mencionado anteriormente, a área atualmente faz parte de um grande complexo minerador.

A SAMITRI utilizava a ferrovia e o porto da antiga CVRD – Companhia Vale do Rio Doce (atual VALE), para atender ao seu mercado consumidor.[15] Grande parte das vendas da SAMITRI era destinada ao mercado externo, o que gerava sérios problemas de logística para o escoamento da produção. Assim, a mineradora sempre operou tendo como referência os acordos contratuais de transporte de minério com a CVRD.Os acordos contratuais para o transporte do minério, possibilitou a participação da empresa no mercado externo, podendo ser viabilizados novos investimentos na capacidade de produção.

A chegada da SAMITRI ao distrito de Alegria representou uma nova possibilidade de empregona região de Mariana, visto que na época, grande parte dos trabalhadores era rural, trabalhavam em “serviços pesados” e viram na mineração nova oportunidade e diversificação de atividade econômica. Na década de 1960, trabalhores de toda a região, se mobilizaram para trabalhar em uma das unidades da empresa, atraídos pela nova oportunidade de trabalho, como pode-se ver em um relato de um dos entrevistados:

> “[...] a maioria das famílias vieram das áreas rurais mais próximas ao município de Alegria, como Fonseca, Morro de Água Quente, Catas Altas, Santa Bárbara Rio Acima, e distritos das mesmas, e como a SAMITRI TRINDADE tinha filiais em Rio Piracicaba, antiga Morro Agudo, vieram também pessoas destas regiões. teve também casos como a da minha família que veio de outra mineradora, a do Morro Velho que atuava em Nova Lima.” (entrevistado 1).

[15]A CVRD dominava a logística de transportes do quadrilátero ferrífero com a Estrada de Ferro Vitória-Minas e instalações no porto de Tubarão, no Espírito Santo.

A Mina de Alegria situa-se a 20 Km do centro urbano da cidade de Mariana, , no começo das atividades a empresa construiu um alojamento para que os empregados permanecessem na empresa, para que não fosse necessário o deslocamento diário para outros locais. Em relato de antigo funcionário da SAMITRI, ele relembra o tempo ainda antes das instalações industriais:

> "No começo, quem morava perto passava a semana no alojamento, e no fim de semana ia pra casa, minha família morava em catas altas, só via fim de semana. Na segunda, bem cedo, um caminhão pegava a gente e íamos pro meio do mato, só saía de lá sexta. Nessa época, não tinha nada lá, a gente trabalhava para colocar as primeiras instalações da empresa em Alegria, abrir galerias pra explorar manganês e depois minério de ferro, era trabalho duro." (entrevistado 2)

No começo das atividades industriais, os trabalhadores vindos de outras regiões permaneciam nos alojamentos até que as casas fossem sendo entregues no núcleo residencial, para que então, pudessem levar as respectivas famílias para o distrito de Alegria, como explica uma antiga moradora da Vila Nova:

> "Meu marido foi pra lá em 1965, ficou em alojamento longe da família por muito tempo, e só depois da vila pronta, pudemos ir todos pra lá. Foi assim com algumas das famílias que mudaram para a vila, primeiro foi os maridos, depois mandaram buscar as famílias para morar todos lá. " (entrevistado 3)

Como evidenciado pelos depoimentos, passados alguns anos,do começo das atividades industriais, a empresa construiu um núcleo residencial na zona rural do distrito de Alegria, bem próximo a mina, para receber os familiares dos funcionários da empresa, fazendocom queseus empregadose as respectivas famílias permanecessem o tempo inteiro interagido com a empresa.

Foram construídas cinco vilas no entorno da Mina de Alegria, sendo elas: Vila Nova, Vila velha, Vila do Centro, Vila do Oca,e Vila do Canga**,** além de alojamentos da empresa, para funcionários que não estavam com sua família.

A Vila do Centro eram dos funcionários qualificados como encarregados, técnicos e engenheiros (cargos de administração e engenharia); a Vila Nova era para funcionários não qualificados profisionalmente, trabalhavam como operadores de máquinas, realizavam trabalhos mecânico, elétricos, trabalhos braçais, constituindo uma classe média baixa; na Vilha Velha havia um antigo alojamento onde funcionários da empresa permaneciam para trabalhar ainda na prospecção e na exploração, anos antes da atividade industrial começar, depois como núcleo residencial, abrigava perfis

de empregados parecidos com os da Vila Nova. Na Vila Velha foi construída a escola e o supermercado, o local funcionava como o centro comercial e de serviços para a comunidade. A Vila da Oca havia descendentes de índios e nordestinos, que vinham em busca de trabalho no local**,** as casas eram feitas de pedras e sapés, tipo ocas; e na Vila do Canga haviam poucas casas,onde moravam basicamente trabalhadores braçais e um alojamento para os trabalhadores solteiros.

Formou-se então, um grande contigente de pessoas em torno da Mina, a Vila Nova tendo a maior quantidade de moradores. A formação das cinco vilas nas proximidades da empresa ocasionou uma reconfiguração do espaço no distrito rural de Alegria.

O empreendimento da SAMITRI construiu, organizou e gerenciou as vilas para a habitação dos funcionários, suportando todaa infraestrutura, como ruas, rede de esgosto, energia elétrica, além da estrutura social, de comércio e serviços, como escola, aréas de lazer, posto de saúde, igreja, centro cívicoe demais estruturas necessárias à fixação dos seus funcionários.

Na primeira década de operação industrial da mina, a distribuição de energia se dava por um gerador da empresa, que alimentava as operações da mina e redistribuía para as casas nas vilas. Um relato de uma antiga moradora exemplifica a situação:

> "Tínhamos energia até as 18h, nesse horário os nossos maridos já estavam em casa, podiam tomar banho, e então a Samitri desligava a energia, que vinha do seu gerador, nesse horário ja dava pra fazer a janta e todos tomar banho. Só no meio da década de 70 a distribuição de energia elétrica por rede chegou, e aí tivemos luz o tempo todo." (entrevistadora 3)

Na Vila Nova residiam funcionários da empresa e as respectivas famílias (esposas e filhos). A casa contava com três quartos, sala, cozinha e uma aréa de serviço. A vila possuía um bom padrão de infraestrutura, considerando as condições da época, as moradias contavam com água, esgoto e luz. E tudo era custeado pela empresa, ou seja, os funcionários não pagavam aluguel, água e luz. Segundo antigos moradores, as casas eram amplas e confortáveis, e a vizinhança mantinha uma ótima convivência.

As datas comemorativas no decorrer do ano eram motivo de festividade na comunidade, como demonstra o depoimento:

> "Comemorávamos todas as datas dos calendários corretamente , como festas juninas, tinham fogueiras brincadeiras, dança da fita , pipocas, canjicão, milho cozido, e uma enorme fogueira queimava e nos esquentava, além de tudo não podia faltar a quadrilha que era linda e era nossa alegria em Alegria, a festa do dia sete de setembro era linda, a mineradora trazia banda de fora com aqueles instrumentos enormes

> que tocava o hino, canções , fanfarras como se chamava, todos nós uniformizados de jardineiras e suspensões com o gonga azul e meias brancas, com tranças nos cabelos e os meninos com os cabelos cortadinhos e enfileirados corretamente, machavamos e cantávamos , estiávamos as bandeiras com orgulho e com amor, bravamente o hino nacional.Fim de ano a SAMITRI fazia aquela festa de natal, com direito as melhores comidas e bebidas, vinhos de 5 litros, perus assados, macarronadas, farofas, frutas, sorteios, e brincadeiras, era um feliz natal como jamais pude assistir dentro destes meus 50 anos de idade."(entrevistado 1)

A Vila tinha área de lazer em comum para os moradores, como quadras esportivas, um caramanchão para festas e jogos, área de parque infantil, além dos lugares naturais proporcionados pelo local, como rios e cachoeiras. Um trecho do rio Piracicaba, localizado perto da mina, foi nomeado pelos moradores por "nossa praia".Os antigos moradores mantinham relação íntima com a natureza, haviam até aulas de natação no rio, oferecidos às crianças pela Escola da Alegria.

A SAMITRI, ao instalar-se na região, trouxe consigo atores socias e estabeleceu relações de poder na comunidade, de acordo com seus interesses ou como reflexos de suas ações. Dentre os agentes e atores sociais que compõem a configuração social estão: Agentes administrativos financeiros como: organismos internacionais, Banco Mundial, ONU, diversas esferas Estatais e suas instituições como o DNPM e o MME; atores capitalistas: empresas mineradoras, fundos de pensão, e organizações governamentais; e por fim atores sociais individuaisou coletivos: funcionários da empresa, sindicatos,autoridades públicas (locais, estaduais e federais), esses são alguns dos atores que moldaram as relações na Vila Nova.

No processo em que se deram as relações sociais na vila nova, os fluxos de trocas entre os atores sociais foram diversos (informações, discursos, ideologias, recursos financeiros, recursos naturais, entre outros). Através dos diversos fluxos de trocas, os indivíduos foram se conectando e formou-se então, um grupo com representatividade, tornando-se a comunidade um ator coletivo na Mina de Alegria. Já a SAMITRI, mostrou-se como um ator que detinha o poder de controlar os recursos naturais do espaço, bases materiais essenciais para a consolidação do poder de determinado grupo no espaço.

No tempo específico desse estudo de caso, não houve relato de associações organizadas pelos moradores, nem organizações não governamentais (ONGs) na comunidade, a favor de interesses da comunidade. No entanto, houve bastante relato dos movimentos sindicais organizados pelos funcionários, da qual, culminou em 1979

no Sindicato Metabase de Mariana. Durantes anos, muitos funcionários estiveram empenhados no tão sonhado sindicato, mas a concretização do mesmo, foi demorada, como mostra o seguinte trecho:

> Segundo, o Senhor Clemente Pereira da Silva e o Senhor Paulo Guimarães, este último, Diretor do sindicato pela Nova Diretoria, na época por falta de entendimento, por perseguição,por medo,principalmente, por pouco conhecimento e devido à dificuldade na época, deixaram o sonho na "gaveta" até que surgisse a oportunidade de fazer da associação o tão sonhado sindicato que representaria a categoria. (Sindicato Metabase Mariana, 2016).

Como visto, o sindicato surgiu inicialmente como associação na mina de Alegria, e posteriormente, fundada pelos funcionários da empresa SAMITRI S/A, juntamente com funcionários da SAMARCO.

A estrutura da aréa residencial da Mina de Alegria, dividida em vilas, foi caracterizada por uma estratificação de classes, esclarecendo, ainda mais as relações de poder da empresa. Muitos moradores da Vila Nova, por exemplo, trabalhavam na Vila do Centro, como jardineiros, empregadas domésticas, pedreiros, prestadores de serviços gerais etc. Muitas famílias da comunidade Vila Nova eram numerosas, e embora a assitência da empresa era considerada boa, muitas adolescentes trabalhavam em residências dos engenheiros para ajudar no sustento da casa, ou para satisfazer anseios pessoais. Tal relação, que submete uma classe a outra, evidencia uma estrutura que favorece o subdesenvolvimento da classe menos favorecida.

A própria comunidade Vila Nova, no seu espaço fisíco era caracterizada como uma classe inferior, por exemplo, diante da Vila do Centro, evidenciada pela estrutura física das casas. Porém, esse sentimento não foi transmitido pelos moradores da comunidade de Vila Nova, os antigos moradores, não veêm as relações entre os atores das distintas vilas sendo ofensiva, ou causadora de desvalorização.A posição ocupada por uma classe menos favorecida, diante de outra, era de respeito e admiração.

Na perspectiva dos antigos moradores da vila, a comunidade representou um lugar de tranquilidade e paz, e que é recordado com muito afeto e empatia, e da qual gerou uma forte rede de amizades. Os impactos sociais negativos não eram perceptíveis aos moradores da vila. Percebe-se que os moradores atentam a alguns impasses ambientais gerados pela mineração, porém tais fatos não obtiveram tanta relevância, diante do que a empresa oferecia à comunidade. A situação em que se observa algo negativo por parte dos moradores, foram os acidentes que ocorriam, e algumas condições de trabalho, bem como destruição da natureza, porém, agratidão dessa

população pelos empregos gerados por essa atividade, fazia com que questões como as citadas não tivessem tanta relevância.

No que tange ao crescimento proporcionado ao município em sua totalidade, a empresa trouxe, sem dúvidas, uma nova dinâmica à economia da região de Mariana, como a geração de empregos, na sua grande parte aproveitada como mão de obra não qualificada.

Como já abordado neste trabalho, são a partir das mudanças ocorridas que se constituem novas territorialidades, que compõem o entorno da mineração. Tal entorno é formado por um complexo jogo de relações de poder, como aqui apresentado, no qual estão representados atores anteriores e posteriores ao empreendimento. Neste contexto, e observado as relaçoes estabelecidas entre os atores sociais na comunidade a partir de seus depoimentos, pode-se dizer que o projeto da Mina de Alegria criou relações sociais e disposições territoriais no âmbito do sentimento de pertença por parte dos funcionários e familiares que residiram ao redor da mina entre as décadas de 1960 a 1980.

O sentimento de pertença ao local da Vila Nova, é demonstrado até hoje pelos seus antigos moradores, através da busca pelo contato que insistem em manter com os antigos vizinhos. Inseridos na era da tecnologia, muitos deles, se conectam por um grupo em rede social, e por aparelho celular. No ano de 2015foi organizadoum encontro entre os antigos moradores das vilas de Alegria, a fim de celebrar a amizade e com o intuito de preservar a memória e o que foi vivido na comunidade.

3.3 As relações estabelecidas entre empresa e comunidade

Na década em que a Samitri inciou as atividades na Mina de Alegria, uma empresa mineradora não lidava com muitas obrigações sociais, pelo não cumprimento de normas legais vigentes ligadas às questões socioambientais, principalmente sociais. A relação que a empresa mantinha com os funcionários da Vila Nova, foi baseada em uma realidade bem diferente que tem-se hoje. Na atualidadade há um leque muito grande de questões sociais ao longo da cadeia produtiva da indústria extrativa mineral e nas suas relações com o ambiente, antes inexistentes. Logo, para o entendimento desta relação, é imprescidível saber que, juridicamente, as condições dos anos em estudo diferem da que se vive hoje.

Não havia na década de 1960 diretrizes sociais estratégicas que norteassem ações governamentais voltadas para a atividade minerária. A atuação do governo e do

estado quanto às questões voltadas aos impactos sociais era irrelevante, visto o contexto socioeconômico do referido estudo. Não se pode, então, basear as transormações deste período, em algum modelo de desenvolvimento voltado para melhor distribuição de renda entre os moradores da comunidade,por exemplo.A relação estabelecida entre os atores sociais no empreendimento da Mina de Alegria, não teve iniciativas como: consolidar a estabilidade econômica com crescimento sustentado; promover o desenvolvimento sustentável voltado para a diversificação da economia da região; promover a inclusão social de classes menos favorecidas; reduzir as desigualdades sociais na região.

O crescimento das primeiras comunidades ligadas à indústria, foi marcado por um aspecto paternalista e assistencialista por parte das empresas. Analisando tal situação, de uma perspectiva atual parece uma coisa impensável, mas era o que a época demandava e o que era comumsefazer, como o custeio de moradia, escola, saúde e demais estruturas do local.

Os aspectos sociais na mineração, um conceito em transformação e ampliação, diz respeito ao empenho da empresa na construção de uma sociedade mais justa e ambientalmente sustentável. Ser socialmente responsável é ir além do mero cumprimento das obrigações sociais, fundamentalmente um ato voluntário (Fernandes, 2006). Diante desta análise, e considerando o respaldo jurídico de muitas das práticas exercidas pela SAMITRI na comunidade, o que a empresa fazia, foi visto como "gentileza" por parte dos seus empregados, fazendo com que estes a admirem por cada assistência dada aos mesmos e à sua família.

Sistematicamente, a atuação da empresa na comunidade de Vila Nova assumiu um papel protagonista diante de seu comportamento corporativo, sendo assistencialista e em alguns pontos, paternalista. Os primeiros anos do núcleo residencial na Mina de Alegria, pode-se considerar instaurada uma relação paternalista, na medida que existia uma depedência absoluta entre a empresa e a comunidade, nosentidodeatrairemanter a mãodeobra,aempresa se responsabilizou por toda estrutura física do local. No decorrer dos anos apresentou-se como assistencialista, visto que atendia à demandasbásicas da comunidade ao tratar da educação, saúde, entre outras. A empresa adquiriu a personalização de quem doa, e se surgisse alguma necessidade básica, a população saberia que a empresa ajudaria.

Além dos aspectos observados no convívio social, a SAMITRI mantinha relações profissionaiscom poucosníveis hierárquicos dentro da empresa,favorecendo o

grau de interação entre os funcionários. A flexibilidade da estrutura da empresa é demonstrada em registro da história oral dos seus antigos funcionários:

> "Sempre houve uma interação interpessoal no ambiente de trabalho, onde eu e os colegas podiam agir com autonomia, para resolver problemas do trabalho não precisava ir até o presidente da empresa, os encarregados mesmo resolviam com a gente, possibilitando agilidade e amizade. A mina de Alegria era pequena, tinha uma facilidade de conversar com todos os empregados, e havia pouca rotatividade dos empregados, assim, facilitava ainda mais os laços criados com os colegas, bem como a confiança. (entrevistado 4)"

Segundo os depoimentos dos antigos moradores no decorrer dos anos 70 os movimentos sindicias, em busca de melhores condições de trabalho nas indústrias, foram se intensificando por todo o país, da mesma forma acontecia na comunidade Vila Nova. Antigos moradores lembram muito bem desta fase:

> Tinha um grupo dentro da Samitri muito engajado nas associações e questões apra abrir o sindicato dos trabalhadores. A empresa estava crescendo, ganhando muito dinheiro, e nosso salário era ruim, podia melhorar. Nos organizavámos nos fundos das nossas casas, fazia da mesa grande de madeira um palanque e começamos a organizar os movimentos e as idéias de melhoria para a classe trabalhadora. Mas era tudo com muito cuidado, muitos colegas foram mandados embora por perseguição da empresa. O maior movimento foi em 1979, foi um conflito, paramos toda a Samitri, de todas as minas. Mas o resultado foi bom, o salário aumentou, e as condições e nossos direitos melhoraram. (entrevistado 4)

Um dos maiores problemas enfrentados pelos residentes da comunidade Vila Nova foi a mobilidade dos funcionários e de suas famílias para fora da aréa rural do distrito de Alegria, condição esta, imposta no ano de 1982 pela Samitri em decorrência de expansão das atividades da empresa, como é explicado por um depoimento:

> "Na década de 1980 a empresa observava que as pedrinhas pequenas que voavam da explosão da mineração estava cada vez mais chegando próximo as vilas e ai foi um inicio de tudo se acabar, a segurança pela vida humanas falava mais alto e a empresa nos pediu que nossos pais começassem a se mudar para as cidades vizinhas e ela iria arcar com o transporte para o trabalho e dentro de 3 anos foi o suficiente de Alegria esvaziar e ficando simplesmente a mineração, mas sem famílias e vilas." (entrevistado 1)

O bem estar fisico e mental dos empregados e familiares foram abalados, visto que não tiveram paticipação nesta decisão, e no entanto, não tinham interesse em sair daquele local.A descontentação por parte dos moradores foi evidenciada nesta declaração :

> "A Samitri nos avisou que todos devíamos sair da comunidade, pois

> dentro de dois anos o local seria utilizado para outros fins pela empresa. Nesta época a empresa estava expandindo suas atividades e por segurança ali não devia mais ter núcleo residencial. Se perguntasse pra gente, ninguem ia querer sair, ali já tínhamos nossa vida! Mas não foi um escolha.” (entrevistado 5)

A relação da empresa com a comunidade , bem como a qualidade de vida dos funcionários e dos seus respectivos familiares foi diretamente impactada pelo evento, já que não estava previsto no começo do projeto.Alguns trabalhadores tiveram que começar a pagar aluguel em outras cidades, e outros, começaram a construir casa em alguma cidade vizinha. Não houve indenização ou custeio para construção das novas casas dos funcionários, o que a empresa realizou nesse sentindo foi a doação do material já usado nas casas das vilas. Os funcionários podiam levar por exemplo, as janelas, telhados, ou qualquer outro material das instalações da casa.

Oprocesso de realocação da comunidade gerou impactos na vida social da população e na sua relação com o espaço, provocando mudançasna estrutura social da comunidade. A remoção das pessoas de uma comunidade para o outro local é delicada e incômoda, na medida em que a nova relação com o lugar leva seu tempo para ser construída e pelas memórias que são deixadas no lugar anterior a mudança. As dimensões sociais e culturais da comunidade são alteradas com este evento, pois todos os seus aspectos são interligados. A saída da comunidade do distrito de Alegria, até hoje é lembrada com bastante lamento por muito dos antigos moradores:

> Hoje já se completa mais de 30 anos desta difícil e lamentável trajetória de mudança de vida. Mas por outro lado foi bom. a empresa mineradora SAMITRI evitou o pior que poderia ser números de mortes e acidentes com vidas humanas, como aconteceu em 05 de novembro de 2015, com o rompimento da barragem de fundão. Mas não haverá tempo e nem esquecimento que fará a nossas histórias serem esquecidas e mortas, Alegria será sempre nossa alegria em pensamentos e recordações. (entrevista 1)

A realocação e retirada da comunidade provavelmente se deu, por interesses econômicos da empresa, devido à expansão, evidenciado pelo fato do local ter se transformado em instalações da empresa, como local para depositar estéril, aproveitamento de algumas casas para escritório, construção de galpão para manutenção, entre outras funcionalidades.

Depois de extinto o núcleo residencial do distrito de Alegria, e diante dos fatos apresentados, a empresa demonstrou ter uma relaçãomais profissionalcom as comunidades vizinhas. A SAMITRI adquiriu então, parcerias com as cidades vizinhasonde seus funcionários foram residir, profissionalizandoa ação social, como

patrocínios em projetos ambientais nas escolas, incentivos a feiras culturais. Vê-se então uma mjudança na forma de atuação social perante a comunidade.

3.4 Dimensões sociocultural da comunidade Vila Nova

Segundo Coelho (2001), os projetos mineradores são transformadores e criadores de um novo espaço social, econômico, cultural, político e ecológico, assim sendo, este subcapítulo analisa as várias dimensões desse espaço social, em escala local, ou seja aspectos da comunidade Vila Nova, em sua organização socioespacial.

Este subcapítulo segue a lógica e diretriz adotada pelo sociólogo inglês Phill Bartle (2008), ao afirmar que as comunidades são organizações sociais ou culturais e, consequentemente, são caracterizadas por dimensões culturais. Segundo o autor, a chave para compreender essas características e princípios é o reconhecimento de seis dimensões da cultura e as suas interligações.

As dimensões são sistemas dentro de um espaço social, consistem em ideias e comportamentos adquiridos, que são transmitidos através de símbolos e juntas fazem parte do conjunto total, ou seja são interligadas entre si (Bartle, 2007). As dimensões da comunidade Vila Nova a serem apresentadas são: 1. Tecnológico, 2. Econômico, 3. Político, 4. Institucional (social), 5. Valores Estéticos, e 6. Crenças e Conceitos.

3.4.1 A dimensão tecnológica da comunidade

Segundo Bartle (2007), "a dimensão tecnológica da comunidade é o seu capital, as suas ferramentas e competências, e os modos de lidar com o ambiente físico." Segundo o autor a tecnologia na comunidade inclui infraestruturas tais como clube, pontos de abastecimento de água, estradas, mercados, clínicas, escolas, sinais de trânsito, parques, centros comunitários, bibliotecas, complexos desportivos, dentre outros.

Uma tecnologia introduzida na comunidade representa mudanças culturais e sociais, e levará a mudanças em todas as outras dimensões.

Os moradores da comunidade Vila Nova, não detinham de tecnologias avançadas como se tem nos dias de hoje, tinham suas casas, uma praça em comum, escola, biblioteca, porém tudo era de propriedade da empresa. Depois de alguns anos surgiu um posto médico, com atendimento local. Não há registro de significada mobilização para obter novas tecnologias.

3.4.2 A dimensão econômica da comunidade

A dimensão econômica consiste nas diferentes formas de bens e serviços, ou seja, a riqueza da comunidade, e configura como um elemento da força da comunidade, ou capacidade de organização.

A grande riqueza da comunidade Vila Nova é seu recurso natural, a extração do minério de ferro, já que este detém grande valor econômico. Não foi desenvolvido na comunidade outros meios de produção, nem diversificação da economia.

3.4.3 A dimensão política da comunidade

A dimensão política da comunidade consiste nos seus diferentes modos e meios de distribuição de poder, influência e tomada de decisões (BARTLE, 2007). O sistema de gestão da comunidade era de competência da empresa. A Samitri tinha o poder político e total influência sob a comunidade, mantinha o controle burocrático da comunidade, e tinha então, seu objetivo velado, de manter a comunidade a seu serviço.

As lideranças dentro da comunidade surgiram principalmete no fim da década de 1970, quando começaram organizações de associação e sindicato dos trabalhadores, sendo reprimidas pela empresa até então.

3.4.4 A dimensão institucional da comunidade

"A dimensão social ou institucional da comunidade é constituida pelos diferentes modos como as pessoas agem, interagem, reagem e como esperam que os outros ajam e interajam (Bartle, 2007)."Nesta dimensão cabe observações acerca de casamentos e padrões de comportamento.

Os aspectos de comportamentos na Vila Nova, eram seguidos por uma "moral de boa conduta". A família tem relevante papel neste aspecto, visto que todas as casas eram constituídas de "família tradicional", e esta desempenhava importante papel diante da comunidade,o comportamento patriarcal das famílias era severamente seguido. A divisão de tarefas era declaradamente diferente entre homens e mulheres, com mulheres cuidando da casa, e homens trabalhando desde cedo fora da casa.

A Igreja Católica desempenhava papel importante como instituição na comunidade, as famílias obedeciam a certos costumes da igreja católica, como o fato das crianças na escola frequentarem o curso de catecismo e realizarem todas as manifestações religiosas, de acordo com a Igreja Católica. O padre de cidades vizinhas visitava a igreja da vila periodicamente, assim podiam realizar missas.

Não se verificou relatos de associações, nem organizações de cunho de "rebeldia", como já relatado, os moradores se relacionavam muito bem.

3.4.5 A dimensão de valores estéticos da comunidade

"A dimensão de valores estéticos da comunidade consistem de uma estrutura de ideias, por vezes paradoxais, inconsistentes, ou contraditórias, que as pessoas possuem acerca dos conceitos de bom e mau, bonito e feio, certo ou errado, e que são as justificações que as pessoas apresentam para explicar as suas ações" (Bartle, 2007).

O que representa juízo de valores para as pessoas é o que foi repassado ao indivíduo, não pela genética, mas pela socialização. Se criou no local valores que representam o que é bom ou mau, certo ou errado, e por se tratar de relações íntimas de amizade, facilmente os valores são compartilhados.

"Os valores têm tendência a mudar à medida que a comunidade se torna mais complexa, mais heterogénea, e mais ligada ao mundo."(Bartle, 2007)."

3.4.6 A dimensão crenças e conceitos da comunidade

"A dimensão crenças e conceitos da comunidade é outra estrutura de idéias, por vezes também contraditórias, que as pessoas possuem acerca da natureza do universo, do mundo que as rodeia, o seu papel a desempenhar nesse mundo, causas e efeitos, a natureza do tempo, matéria e comportamentos."(Bartle, 2007)."

Grande parte das pessoas da comunidade tinham crença em Deus, seguindo costumes da Igreja Católica. Na comunidade eram realizadas tapetes de serraria durante a semana santa, alguns dias que eram consagrados aos santos, segundo costumes católicos. Percebeu-se muito da inflência do catolicismo nas crenças.

Diante da situação política da época, comportamentos cívicos eram severamente respeitados, antes do início das aulas, não podiam faltar os rituais cívicos, hinos patriotas e tradições religiosas, tornando esse hábito de grande valorização até hoje pelos moradores.

Por conseguinte, uma avaliação do impacto social de uma comunidade deve incluir análise que possa abranger uma percepção em um extenso campo de interações entre os indivíduos, sendo parte da cultura de um local. Ao abordar as dimensões socioculturais da comunidade foi possível concluir que as dimensões estão extremamente interligadas, e a medida que alguma é alterada acontece um processo de adaptação em relação às mudanças ocorridas em todas elas. Ou seja, uma mudança em qualquer aspecto nas relações estabelecidas dentro de uma comunidade pode repercutir mudanças em cada dimensão.

Na comunidade as dimensões social, cultural e crenças e conceitos são

responsáveis pela mudança de comportamento dos indivíduos. Estas são fortemente influenciadas pela dimensão política, caracterizada principalmente, pelos jogos de poder e pela dimensão econômica, tendo em vista as relações estabelecidas pela sociedade capitalista, os quais afetam todas as dimensões espaciais. Portanto, a análise das dimensões foi realizada poruma abordagem multidimensional, pois não há como desconectar as dimensões ao considerar uma comunidade e seu desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar os elementos socioculturais da comunidade Vila Novos, bem como as relações sociais estabelecidas, em um contexto socioeconômico específico. Diante do processo apresentadopela história oral de alguns dosantigos moradores, acerca do surgimento da comunidade Vila Nova, associado às práticas realizadas pela empresa no período estudado, pôde-se consolidaras informações coletadas identificando características do empreendimento e seu impacto na comunidade.Embaladapelasinstalaçõesdos projetos de mineração em escala industrial, a região de Marianacresceu e se transformou em um pólo da atividade industrial extrativa mineral, porém, para atingir tal representatividade no setor, ela passou por várias etapas que marcaram as vidas das suas comunidades. Associado aos grandes investimentos feitos para as instalações mineiras houve também o surgimento de comunidades em torno das minas, onde se podem manter os empregados voltados para as atividades da empresa, e onde se estabeleceu um comportamento padronizado e esperado dos indivíduos, frente às expectativas da empresa.

Pôde-se identificar algumas características vividas pela comunidade no período estudado, uma relação paternalista, e assistencialista. Nos primeiros anos do surgimento da comunidade na Mina de Alegria, percebe-se uma relação de dependência entre a empresa e a comunidade, justificada principalmente pelo caráterdo empreendimento ter como base a implantação de atividade insdustrial em local antes não utilizado para esse fim, sem mão de obra e com uma população em sua maioria agrícola. Assim, a empresacrioucondiçõesdeinfraestruturanosentidodeincentivarostrabalhadores a migrarem para o entorno da sua planta industrial. Com essa realidade, a empresa supriu as necessidades básicasdos dos seus funcionários, como moradia, segurança, fornecimento de água e luz, escola e lazer. Essa relação paternalista e assistencialista foi vivenciada pela organizaçãoaté o início da década de 1980, quando ofocoda empresa passou a ter como pilares a geração de lucros através de expansão de sua atividadeem detrimento dos interesses da comunidade e em prol de uma lavra mais segura para seus trabalhadores. Tais medidas desencadearam o fim das comunidades no entorno da mina.

Após a saída das comunidades no entorno da Mina de Alegria, a relação com as cidades vizinhas, onde os funcionários foram residir, é intermediada pelas ações

de responsabilidade social da organização, criadas para gerir atividades organizadas nas áreas de educação, saúde, cultura, meio ambiente e voluntariado.

O que se constata diante da percepção dos antigos moradores da comunidade, acerca da criação e extinção da comunidade, é que ali, criou-se uma forte rede de amizade e de pertencimento, um ambiente de esperança para os moradores, e posteriormente, mesmo com todas as ações que a empresa viesse a realizar na sociedade, nenhuma delas seria de tamanho benefício como àquela em que uniu família e amigos. A empresa consolidou um sentimento nostálgico referente as décadas vividas na comunidade Vila Nova. O estabelecimento de um relacionamento forte entre a empresa e a comunidade, durante sua formação, foi de relevante importância para representar mais do que fonte de geração de renda e emprego, mas também laços de gratidão e admiração à empresa por parte dos empregados.

O que se tem, sob uma análise social da construção da sociedade, é que as relações estabelecidas intensificaram ainda mais a dependência econômica, condicionada a mineração na região. Muitas famílias que viviam na comunidade, hoje continuam tendo carências na sociedade, e ainda detém um comportamento social inferior a outros grupos, revelados pelo comportamento deste grupo social. Observou-se, então, uma tendência em manter as estruturas subdesenvolvidas, criando circuitos econômicos excludentes da população local, principalmente de grupos de baixa renda. Portanto, os recursos naturais à que serviram, não voltaram como investimentos em recursos humanos daquela população, contrário a isso, a empresa fez com que o indivíduo se portasse como um meio para que ela adquirisse os seus interesses. De forma geral, as empresas mineradoras instaladas nas cidades da região, não representaram de fato um desenvolvimento social, e sim um crescimento das cidades mineradoras.

Os municípios que integram um polo minerador poderiam ter uma forte dinâmica populacional, investimentos em educação e saúde, trazendo uma significada melhoria de vida de todos os atores envolvidos, não somente de algumas classes privilegiadas, bem como elevados indicadores de bem-estar e de desenvolvimento humano. Porém esta realidade não se faz presente nas comunidades aqui analisadas..

Diante da investigação realizada, percebe-se que a comunidade em estudo, foi compelida a adotar novas formas de reinvenção em resultado das mudanças que os processos de territorialização e acumulação do capital no distrito de Alegria,têm concebido nos padrões de uso, posse e controle das terras e demais recursos. Significa dizer, que o projeto implantado não modificou apenas as riquezas naturais do local, mas

também o trabalho, a cultura e os modos de vida das comunidades. Vê-se então, que a identidade construída por tais modificações é responsável pelo modo como a comunidade interage com o mundo, e consequentemente, como as pessoas interagem entre si e com a natureza.

A realização dete trabalho, esteve centrada na relevância que a atividade mineradora tem ao se tratar das modificações do espaço, bem como impulsionar o desenvolvimento econômico e social das comunidades onde estão localizadas, e que através desse entendimento, construa-se relações sustentáveis. Portanto, deixa-se a reflexão, de como a atividade de mineração pode construir uma economia diversificada e sustentável para melhorar os padrões de vida das suas comunidades, e de que forma pode estabelecer relações que qualifiquem a participação da comunidade nos benefícios do desenvolvimento, estes, almejados cada vez mais pelas novas políticas sociais, e tão difíceis de tornarem realidade.

4.1 Limitações da pesquisa

Uma análise de dimensões socioculturais, afim de obter indicações precisas de sustentabilidade, foi inviável para essa pesquisa. Durante as décadas 1960 a 1980, os métodos de avaliação da interação entre diversos parâmetros setoriais do meio ambiente e o desenvolvimento social eram muito imprecisos. Muitas questões ambientais e sociais das organizações do século passado são ainda imprecisas, pois somente mais tarde foram elaborados indicadores de sustentabilidade e desenvolvimento que incluíssem aspectos econômicos, sociais, éticos e culturais. Acriação dos mecanismos legais para acompanhar e registrar as realizações das empresas para com a comunidade constitui um marco para que a atividade extrativa mineral atue com responsabilidade e minimize seus impactos.

Outra questão que dificultou o acesso a informações sobre as antigas comunidades da mina de Alegria, se deve às transformações organizacionais ocorridas na gestão da Mina da Alegria, após a venda da Samitri para a VALE, no ano 2000. Alguns anos depois desta aquisição, a empresa removeuo site da antiga Samitri, onde havia algumas publicações acerca das atividades da Mina de Alegria. Por questões da dificuldade e tempo em conseguir documentospertencentes às empresas envolvidas, não foi possível acesso a informações detalhadas sobre as pessoas da comunidade Vila Nova.

Explicar melhor ou tirar. Uma perspectiva da construção social de diferentes atores envolvidos nas comunidades da Samitri nesse período foi um desejo não realizado. Seria interessante ter-se o regristro, neste trabalho, de diferentes perspectivas para essas análises e práticas: a do setor privado (empresas) e a do governo, nos diversos níveis (municipal, estadual e federal), porém, restringiu-se a pesquisa somente à perspectiva dos atores sociais moradores da comunidade.

4.2 Sugestões para estudos futuro

O estudo relativo aos impactos sociais dos emprendimentos mineiros é um campo relativamente novo na pesquisa acadêmica, são muitos os assuntos a serem discutidos, diante da complexidade dos aspectos sociais de uma comunidade. Assim sendo, o campo de pesquisa é bastante propício para futuras pesquisas. E a partir desse trabalho é possível apontaralgumas questõespara o entendimento da relação histórico social com os empreendimentos mineiros.

Estudos que abrangem outras empresas no mesmo contexto socioeconômico; identificação de casos bem sucedidos que contribuíram para o desenvolvimento local; empreendimentos que não contribuíram tanto para o desenvolvimento local; são exemplos que podem ser bastante útéis para o entendimento das relações de comunidades que vivenciaram a mesma experiência. Além do que, pesquisas relacionadas ao resgate da trajetória e da história das comunidadades mineiras que deram origem a muitas cidades da região, significam resgatar a nossa própria história.

As questões sociais de grandes empreendimentos têm sido cada vez mais exploradas no Brasil, operações sustentáveis têm sido declaradas como objetivo a ser atingido pelas empresas. Além disso, o problema de distribuição de renda no país é um grande problema de quem lida com as questões administrativas acerca dos impactos sociais dos empreendimentos mineiros. Diante disto, a partir das considerações desta pesquisa podem vir a surgir diretrizes para outros estudos com enfoque para os aspectos sociais dos empreendimentos mineiros, juntamente com os aspectos econômicos e ambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Julian Garcia A. de. **O debate da política mineral dos anos 60: a comissão Parlamentar de Inquérito para estudar o problema do ferro e do manganês no Brasil(1960/1963).**Campinas: UNICAMP, 1992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 6024: informação e documentação - numeração progressiva das seções de um documento – apresentação. 2.ed. Rio de Janeiro (RJ): 2012.

BANCO MUNDIAL **;** Relatório Técnico 18 -Perfil da Mineração de Ferro – Consultor: Luiz Felipe Quaresma.

BANCO MUNDIAL.**Grandes Minas e Comunidade na América Latina (Bolívia, Chile e Peru**.2003

BARBOZA, F.L.M. et al.. **Política mineral no Brasil.**1988.

BARRETO, Maria Laura. **Mineração e desenvolvimento sustentável: Desafios para o Brasil** / CETEM/MCT. Rio de Janeiro. 2001.

BARTLE, Phil. **O que é comunidade? Uma perspectiva sociológica**. 2008. Disponível no site: http://www.scn.org/mpfc/whatcomp.htm. Acesso em 16/11/2016.

BECATTINI, Vládia Idelfonso. **Origens e influências da responsabilidade social corporativa em siderurgias mineiras** - Universidade Fumec -2006.

BERLATTO, Odir .**A construção da identidade social**. Artigo publicado na revista do curso de direito da FSG. Ano 3, n. 5. jan/jul. 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE MARIANA.Livro Casa de Vereança de Mariana: 300 anos de História da /Cláudia Maria das Graças Chaves, Maria do Carmo Pires.

COELHO, M. C. N. **A CVRD e a (Re)Estruturação e Mudanças na Área de Carajás (Pará)**. In: COELHO, M. C. N. & COTA, R. G. (Orgs.). *Dez Anos da Estrada de Ferro Carajás*. Belém: NUMA/NAEA/UFPA.1997.

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE -VALE - Superintendência regional de meio ambiente e desenvolvimento sustentável zona da mata – Relatório do parecer do pedido de licença ambiental . ARECER ÚNICO N° 716753/2009 - 14/12/2009.

CONGRESSO NACIONAL - Mensagem da Presidência da República Casa Civil Secretaria de Administração. Diretoria de Gestão de Pessoas Coordenação – Geral de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca. EMÍLIO GARRASTAZ U MÉDICI. 1974.

CORRÊA, R. L. **Organizaçãoespacial**.7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Análise econômica das pequenas e médias empresas de mineração. 2000.

CUAMBE, Inês Selça dos Santos; FILHO, Mário Valério. **A Produção do território em áreas de mineração: Estudo de Caso de Moatize-Moçambique.**Territorial Production in Minning Areas: Moatize – Mozambique Case Study. 2012.

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral - INFORME MINERAL Julho - Dezembro de 2016.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil sobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias**. EDITORA. Edusp 86 páginas. 1996.

FERNANDES, Francisco Rego Chaves; LIMA, Maria H. Rocha; TEIXEIRA, Nilo da Silva. **Grandes minas e comunidade: algumas questões conceituais**. CETEM/MCT– Rio de Janeiro. it. 58p. (Série Estudos e Documentos, 73). 2007.

FERREIRA, Jurandyr Pires. "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros". Obra divulgada pelo IBGE em janeiro de 1958, em comemoração ao segundo aniversário do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira. 1958.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1991.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

HOEBEL, E. Adamson e FROST, Everett L.. **Antropologia Cultural e Social**. – tradução Euclides Carneiro da Silva São Paulo: Cultrix, 2006. p.445. 1981.

IBGE - PIB POR MUNICIPIOS, Metodologia e Resultados, , serie até 2011.

IBGE "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros", obra divulgada pelo IBGE em janeiro de 1958, em comemoração ao segundo aniversário do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, obra planejada e orientada pelo Prof. Jurandyr Pires Ferreira, ex- presidente do IBGE.

IBGE. **Geografia do Brasil – Região sudeste**. Rio de Janeiro.1977.

IBRAM. Panorama da Mineração em Minas Gerais / Instituto Brasileiro de Mineração, Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro de Metais – Brasília: IBRAM, 2015.

IBRAM. Relatório "Aspectos da mineração em minas gerais" , apresentado por João Carlos de Melo, no Congresso Brasileiro de Mineração – IBRAM. Consultor de Meio Ambiente do IBRAM Membro do Conselho Estadual de Política Ambiental do Estado de Minas Gerais.

IBRAM. Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro - Panorama da Mineração em Minas Gerais / Instituto Brasileiro de Metais – Brasília: 2015

LAMOSO, L.Pereira. **A exploração do minério de ferro no Brasil e no Mato Grosso**

do Sul – USP- São Paulo. 2001.

LIMA JUNIOR. **As primeiras vilas do ouro**. 1962.

Ministério de Ciência e Tecnologia. Centro de Tecnologia MineralBarreto, Maria Laura (Ed.)- **Mineração e desenvolvimento sustentável: desafios para o Brasil**; 216p.

NUNES, Magno Alex de Jesus, Artigo- **O quadrilátero ferrífero e o norte de minas gerais: análise da história e importância econômica**-Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. 2012.

PEREIRA, Cláudia Gonçalves. Sociedade Brasileira de Sociologia XII Congresso Brasileiro de Sociologia Grupo de Trabalho 13: Pensamento Social no Brasil Título: Celso Furtado e a Teoria do Subdesenvolvimento.

REGINATTO, Ana Carolina. **A nova Constituição e o Código de Mineração de 1967: a consolidação do capital multinacional e associado no setor mineral brasileiro** – artigo apresetnado no XXVIII Simpósio Brasileiro de Historia-2015.

SANTOS, Renata Veloso. **Implicações de Trajetórias Funcionais Intraorganizacionais em aquisições relacionadas no setor de Mineração**– 2009.

SCLIAR, Claúdio. **Geopolítica das minas no Brasil: a importância da mineração para a sociedade**. Editora Saraiva, 1994.

SILVA, Alberto Rogério Benedito da.**A indústria mineral no Pará.**. Belém. 178p.2012

SILVA, O. P. A mineração em minas gerais: passado, presente e futuro. Revista Geonomos 3(1), IGC-UFMG. Belo Horizonte, 1995.

SOARES, Ecidinéia Pinto. **Caracterizações geotécnica e mineralógica de um filito dolomítico do Quadrilátero Ferrífero com vistas ao estudo de estabilidade de taludes incorporando a sucção**. Universidade Federal de Viçosa, 2008.

SOUZA, M L. **O Território: Sobre Espaço, Poder, Autonomia e Desenvolvimento**. In Castro et al. (Orgs) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.1995.

TAVARES, Ruzimar Batista. Dissertação de Mestrado de **Atividades extrativas minerais e seus corolários na Bacia do Alto Ribeirão do Carmo: da descoberta do ouro aos dias atuais** – Universidade Federal de Ouro Preto, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - Sistema de Bibliotecas e Informação. Guia para normalização bibliográfica de trabalhos acadêmicos. Ouro Preto: 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.Pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa editora da ufsm estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses. 6ª edição, revista e ampliada editora: Ufsm Santa Maria, 2006.

VILLAS BÔAS, Hariessa Cristina. **A indústria extrativa mineral e a transição para o desenvolvimento sustentável**. 108p.Rio de Janeiro: CETEM / MCT / CNPq . 2011.

WANDERLEY, L. J. De Moraes. Anais de encontro de geográfos da América Latina. Unversidade de São Paulo. 20 a 29 de março de 2005. Artigo : **As múltiplas relações de poder na mineração**. 2005.

Sites:

http://cec.vcn.bc.ca/mpfc/indexp.htm

http://www.morrodomoreno.com.br/materias/complexo-samarco-e-mineracao-trindade.html

http://www.sisbin.ufop.br/download/guia.pdf

www.camarademariana.mg.gov.br/mariana Acesso em : 25/01/2017

http://www.metabasemariana.com.br/ Acesso em : 16/11/2016

APÊNDICE A – Questionário 1

1) Como foi a seleção das famílias que iriam trabalhar na SAMITRI? De onde vieram a maioria das famílias?
2) A oportunidade de trabalho era muito interessante comparada com os outros empregos? Por quê?
3) Como era a Vila Nova, em relação a moradia, escola, posto de saúde?
4) Através de quais meios se dava a interação entre a comunidade? Havia associação dos moradores para interesses em comum?
5) Qual a relação com a empresa no decorrer dos anos? Havia diálogo?
6) Qual era o perfil econômico das famílias da Vila Nova?
7) Que lazer havia na Vila? A empresa incentivava essas atividades?
8) Havia biblioteca?
9) Houve uma ascensão social dos cidadãos da comunidade?
10) Quais eram as condições de trabalho na empresa?
11) Quais eram as relações políticas existentes na comunidade?
12) Quais os movimentos e conflitos religiosos? E quais tradições populares haviam?
13) Que ações eram desenvolvidas pelos moradores afim de buscar os interesses de cada classe?
14) Que instituição, grupos e agentes sociais eram identificados na Vila? (Exemplo: associações, igrejas, sindicatos, etc...)

APÊNDICE B – Entrevistado 1

Resposta do Questionário 1:

1) Bem, a maioria das famílias vieram das área rurais mais próximas ao município de Alegria, como Fonseca, Morro de Água Quente, Catas Altas, Santa Bárbara e distritos das mesmas, teve também casos como a da minha família que veio de outra mineradora, a do Morro Velho que atua em Nova Lima, Rio Acima, e como a SAMITRI TRINDADE tinha filiais em Rio Piracicaba, antiga Morro Agudo, vieram também pessoas destas regiões. Mas teve também um número representativo de descendente de índios.

2) Sim. Comparando pelo trabalho árduo rural e o baixo salário e assim a mineração oferecia mais condições de vida para o trabalhador e família.

3)Sim era fantástica, parecia um paraíso pelo menos as décadas que lá morávamos, deste de 1972 a 1982, foram 10 anos de vida sadia e próspera. A moradia era casa de 3 quartos, piso liso cimentado, banheiro, sala, cozinha e uma área de serviço de mais ou menos uma 18 m², também um alpendre para descansar nas tarde de sol. havia quintal onde podíamos plantar uma horta e criar galinhas, cachorros e mais animais domésticos. A escola era do jardim até 8ª série. Depois deste período a empresa abraçava o aluno fornecendo transporte para continuar a estudar em Mariana. Até o 2º grau completo. Depois quem quisesse fazer o técnico ou algo a mais ela fornecia só o transporte pois o custeio cabia os pais.Posto de saúde era excelente considerando os atuais e os tempos modernos de hoje, tínhamos assistência social e médica básica todos os dias, e se caso fosse preciso levaria nos até Mariana ou Santa Bárbara, cidade mais próximas.Tínhamos até dentista. Transporte adequados como ambulâncias. Segurança era feita normalmente pelos postos policiais em 2 pontos de Alegria, farmácia, mercearia, bar, padaria, loja, escola, igreja, centro cívico, restaurante que atendia os funcionários, quadras de esportes, parque de lazer, campo de futebol, caramanchão, alojamentos para funcionários e professores, e tinha as 5 vilas que eram distribuídos cada classe com suas respectivas necessidades de vida e cultura.

4)Sim, podemos dizer que sim, existia os sindicatos dos trabalhadores que interferiam também nas melhorias da sociedade assim dizendo, era tudo muito organizado e tinha jornalzinho da empresa junto á convênios que a mesma oferecia como a (ASSOCIACAO BENEFICENTE DOS EMPREGADOS DAS EMPRESAS

ARCELORMITTAL BRASIL - ABEB).Isto era levado pelos trabalhadores para nossas casas a fim de nos informa e atualizar.

5)Sim. Tanto que a SAMITRI nos cativou de forma humana e considerável, porque qdo ela precisou que nós a entendesse a necessidade de nos retirar das vilas devido o seu desenvolvimento e segurança para todos nos e para ela também, nós entendemos e aceitamos, o diálogo e a segurança e conforto assim dizendo entre aspas durante as décadas que ali vivemos juntos, lado a lado fez com que acolhemos o pedido como uma forma de agradecimento, gentileza e respeito mútuo que sempre tivemos. (Empresa + Funcionários e familiares.)

6) Eram assim dizendo no hoje classe média, No meu ver eramos felizes e não sabíamos. Pena que foi tudo muito rápido.

7) Sim, tínhamos todos os incentivos no lazer e esporte, tínhamos filme uma vez por semana, brincadeiras, comemorávamos todas as dadas cívicas e do calendários, Patrocínio da mineração para que fôssemos jogar vôlei, futebol, gincanas em outras cidades vizinhas, como Catas Altas, Santa Bárbara, Rio Piracicaba, Mariana, Passagem de Mariana, era tudo muito bom e melhor tínhamos materiais esportivo e vestuários próprio, professores de educação física e até natação.

8) Sim, a biblioteca era na escola mesmo e era aberta de dia e de noite para que pudéssemos fazer as pesquisas nos livros da época que eram BARSA, dicionários, mapas e demais fontes da época. Tínhamos o retro projetos, o mimeografo, e ainda a nossa famosa monitora bibliotecária Liquinha para nos orientar.

9) Sim, várias. Sindicatos por exemplos, elevado pelos próprios trabalhadores moradores. Força jovem que atuava com outras igrejas da cidades vizinhas, times de esportes, palestras educativas.

10) Normais assim dizendo. Tinham uniformes, equipamentos de segurança (EPI) necessários da época, transportes, alimentação, segurança prontificada no local como ambulâncias com os socorristas, enfermeiros, policiais, férias, além do acesso em convênios de saúde.

11) Bem, naquela época já se fomentava pelos boatos que um partido nascia no brasil o PT, partido trabalhista e como em todas as classes trabalhadoras os mineradores principalmente reivindicavam seus direitos, e também tinha lá seus deveres, mas me recordo sim do emu pai em particular emprestando balção de açougue ´para os mineradores reivindicarem seus direitos, horas e demais vantagens e direitos trabalhista da época. Foi sim criado um sindicato.E este veio para ficar, pois esta ai até hoje em

todas as classes trabalhadoras como uma ferramenta primordial na luta por direitos nas áreas rurais, empresariais, educacionais, mineradoras como aqui é o caso e tantas mais áreas.

12) Realmente predominava a católica.O protestante era raro e pouquíssimo.Pois o contrario de hoje.

13) Bem como havia um patamar de vilas diferencias pelas classes, nós da classe baixa, média gostavam pois automaticamente a gente precisava da classe alta assim dizendo daquela época, que eram as vilas nova, classe baixa, média, vila velha, também classe baixa, média, vila do canga, era classe baixa, média também, vila do centro que era a vila dos engenheiros, técnicos, médicos, pessoas de classe mais elevada, é lá nesta vila que nós ainda mais jovens tirava o sustento básicos como calçados, roupas, enfeites para cabelos, acessórios, pois eramos lá que trabalhávamos como domésticas, dos 9 anos de idade até os 18, 20 e quem não saía para estudar fora ficava ali, sobrevivendo e ajudando em casa, pois infelizmente não havia o controle maternal, o censo dos pais ter que saber que filhos não eram bonecos e sim humanos.Mas a culpa também não era dos nossos pais, e sim classe alta que os escravizavam e faziam crer que eles deveriam criar filhos e filhos. Um exemplo minha família se tivessem todos aqui, seriam 14, hoje somos 9. E nos tempos de hoje tem a educação de saber ter filhos e qtos filhos. Eu paro e penso o qto nossos antepassados sofreram com esta má formação na educação familiar. Era normal 10, 15, 20 filhos e eram escravos disto e não sabiam.

14) Que instituição, grupos e agentes sociais eram identificados na Vila? (Exemplo: associações, igrejas, sindicatos, etc...). Sim, tinha mais atuantes a igreja católica. Dominava como regras na sociedade e reivindicações.

APÊNDICEC- Entrevistado 2

1) A seleção dos trabalhadores se deu por laços de amizade e por um conhecer os outros e ir chamando mesmo. . Os trabalhadores permaneciam por boa vontade e obediência a empresa. Caso contrário, não servia para a empresa SAMITRI.

2) Sim, as atividades na mienração se tornaram mais propícias devido ser novidade pois, havia somente o trabalho de agricultura e extração de madeira, se não fosse trabalhar na mineradora.

3)As vilas começaram a surgir no inicio da década de 1970, assim pode oferecer mais conforto aos trabalhadores. Foram construídos até escola e mercearia.

4) Não havia mediadores para tratar de assuntos legais dos trabalhadores e empresa nos anos anteriores a 1960, só no final da década de 60 surgiu o sindicato.

5) Havia diálogo com os chefes sim.

6) A economia era doméstica, como costura, lanvanderia em casa, etc....

7)Sim, foram construídos parques, quadras de esportes, caramanchão para cinema e dança, campo de futebol. Comemoravam todas as datas festivias do calendário.

8) Sim havia biblioteca na escola.

10) Condições noramis em 3 turnos.

11) Quase não havia relação política.

12**)** Não havia conflito religioso, a igreja católica predominava, e comemorava as datas religiosas, como os feriados de santos.

13) Nenhuma.

APÊNDICE D – Entrevistado 3

1) Meu pai veio de Colatina para Rio Piracicaba como, aí foi transferido pra a Mina de Alegria para trabalhar na Marion.

2) Sim, empresa tipo familiar. Trabalhava pai tio mãe irmãos e primos. Todos se conheciam, todos ali eram seguros, a escola era ótima, camisa branca, short azul e conga ou kichut.

4) Sim, os professores sempre a frente e tinha igreja aonde tabém era Teatro Cimena e um pouco mais fizeram até uma praia norio.

5) Ai não lembro, sei de uma greve que veio o exército pra lá.

6) Meu pai ia pra Colatina todo anos com nós, acho que éramos bem pois comíamos sempre bem e na época tomar iogurte era raro e tomavámos uma vez e outra.

7) Eu nadava e pescava mais tinha um parque na represa e o caramanchao

8) Na escola tinha

9) Uns sim

10) Acho que era boa meu pai levava a gente no fim de semana para oauto da mina na extra dele nos domingo.

11) Não sei

12**)** Não tinha. A companhia fazia tudo pra nós.Era uma empresa virada para o funcionário, visavam lucro sim mais com uma visão que hoje será inviável devido às leis e ações na justiça.

APÊNDICE E: Depoimento de ex-moradora da Vila Nova:

“Alegria município de Mariana, erámos 5 a 6 vilas de moradores, que se chamavam conforme o que os moradores viviam e faziam, tinha vila nova trabalhadores comuns, vila velha moradores e onde concentrava o posto de saúde, escola, mercearia, açougue, farmácia, e uma lojinha com produtos essenciais, a outra ela viola centro onde moravam os engenheiros, técnicos, chefias dos setores de mineração, que se chamava SAMITRI, mas antes de 1970 se chamava MINERÇÃO TRINDADE, tinha também a vila do canga onde moravam os trabalhadores braçais e por último a vila dos índios, onde moravam os nordestinos, alojamentos dos índios que na época também iam procurar emprego na região mineradora, as casa eram feitas de pedras e sapés, tipo ocas. Era tudo muito organizado, tínhamos águas que vinham nas casa encanadas, luz elétrica era até as 22 horas só , porque eram de transformadores que geravam por motores, as casa eram grandes e confortáveis pela época, vivíamos co respeito e dignidade graças a Deus, comemorávamos todas as datas dos calendários corretamente , como festas juninas, tinham fogueiras brincadeiras, dança da fita , pipocas, canjição, milho cozido, e uma enorme fogueira queimava e nos esquentava, além de tudo não podia faltar a quadrilha que era linda e era nossa alegria em Alegria, a festa de sete de setembro era linda, a mineradora trazia banda de fora com aqueles instrumentos enormes que tocava o hino, canções , fanfarras como se chamava, todos nós uniformados de jardineiras e suspensões com o gonga azul e meias brancas, com transas nos cabelos e os meninos com os cabelos cortadinhos e enfileirados corretamente, machavamos e cantávamos , estiávamos as bandeiras com orgulho e com AMOR, bravamente o hino nacional. Eu cheguei a levar alguns meses para decorar e declamar o hino em uma comemoração da empresa, era aniversário da SAMITRI. e algumas canções da pátria amada Brasil, hoje não se vê mais este patriotismo, este respeito para com o nosso país, que pena! Fim de ano a SAMITRI fazia aquela festa de natal, com direito as melhores comidas e bebidas, vinhos de 5 litros, perus assados, macarronadas, farofas, frutas, sorteios, e brincadeiras, era um feliz natal como jamais pude assistir dentro destes meus 50 anos de idade. Acontecia sim coisas tristes também, como vários acidentes de trabalho e assassinatos devido desentendimentos ocorridos nas duas décadas que as vilas existiram, mas foram coisas da vida como até hoje infelizmente acontece. O rio Santa Antônio como se chama era nosso guardião, e amigo nas horas que as águas acabavam nas torneiras, era

lá que tomávamos aqueles banhos de sol e lavávamos as vasinhas das mães, e assim mais brincávamos que trabalhava e chegando em casa ás vezes até apanhava, mas tudo era válido era alegria em Alegrai.

Tínhamos aulas de natação no rio, passeávamos no mato para conhecermos a natureza, tinha animais engraçados e legais, divertidos e bravos também, mas tudo era feito com cuidado e com professores. Na década de 1980 a empresa observara que as pedrinhas pequenas que voavam da explosão da mineração estava cada vez mais cegando próximo as vilas e ai foi um inicio de tudo se acabar, a segurança pela vida humanas falava mais alto e a empresa nos pediu que nossos pai começassem a se mudarem para as cidades vizinhas e ela iria arcar com o transporte para o trabalho e dentro de 3 anos foi o suficiente de Alegria esvaziar e ficando simplesmente a mineração, mas sem famílias e vilas. Hoje já se completa uns 30 anos desta difícil e lamentável trajetória de mudança de vida. Mas por outro lado foi bom a empresa mineradora SAMITRI evitou o pior que poderia ser números de mortes e acidentes com vidas humanas, como aconteceu em 05 de novembro de 2015, com o rompimento da barragem de fundão. Mas não haverá tempo e nem esquecimento que fará a nossas histórias serem esquecidas e mortas, Alegria será sempre nossa alegria em pensamentos e recordações. Lá a chuva era constante e sol o brilhante, radiante e para completar a beleza de Deus o friozinho era bastante. Mas com alegria superamos tudo, e valeu a pena cada segundo ali vivido como vale ser revivido através de lembranças e memórias, fotos e fatos. Um dia quero rever você Alegria! Mesmo depois destas 3 décadas que te mataram, ms sabemos que você esta viva lá e em nossos corações por toda a vida.

As missas eram lindas, tinha as quadras de esportes, o caramanchão feito de sapé e pedras, parecia uma oca de índio grande, o campo de futebol verdinho, lindo onde ali gritávamos e torcíamos pelos times das cidades vizinhas e para o nosso time de Alegria, e cantávamos assim: “ Alegria conta um, conta 2, conta 3, viva Alegria”.E hoje aqui pertinho dela eu moro, em Catas Altas e já vimos jogar vôlei aqui também e voltávamos cantando novamente a mesma canção, ás vezes trite quando perdíamos a partida, mas tudo era Alegria. Tinha um padre Valter e padre Tromber que lá ia 1 vez por més para dar a missa e a comunhão e casamento não poida, tinha que ser adia tinha que ser em Mariana ou Santa Bárbara.

Se eu for relatar ficarei a vida toda tentando descrever Alegria. E pior ainda não conseguiria, És única a Alegria, a nossa Alegria.

26 DE MAIO DE 2016.”

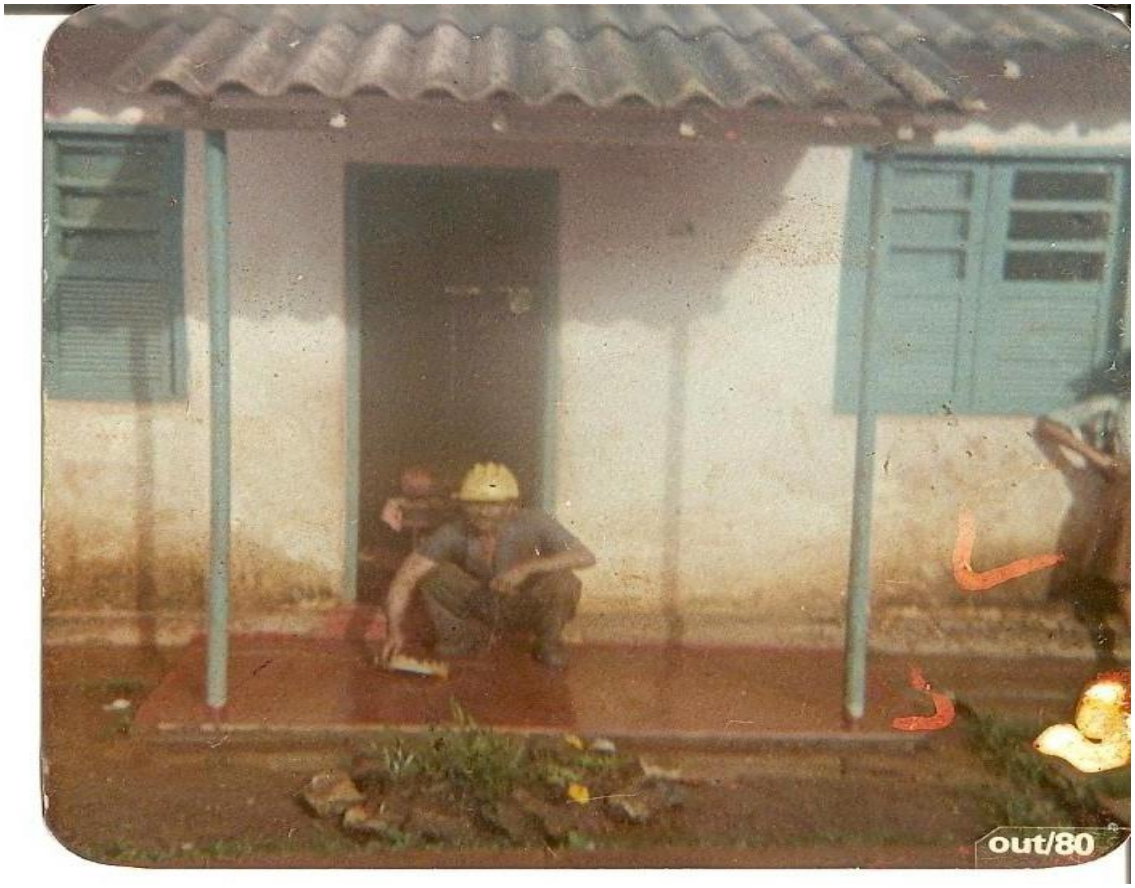
Esclarecimento: Todas as fotografias aqui apresentadas são de arquivo pessoal de antigos moradores das Vilas da Mina de Alegria.

ANEXO 1 – Fotos das ruas, casas e demais estruturas da comunidade Vila Nova

A comunidade ao fundo do caramanchão da Vila. Percebe-se nesta foto, parte da Mina de Alegria ao fundo.

Campo de futebol da Vila Nova, e o conjunto de casas ao fundo. Percebe-se também, a proximidade da mina ao fundo da foto.

Caramanchão da comunidade, onde eram realizadas as festas, os bailes para os jovens, e área de lazer, ali moradores jogavam totó, pingue pongue entre outros jogos.



Fachada de uma casa da Vila Nova, algumas possuiam a varanda, outras não.

Rua da comunidade com algumas casas.

Escola da Alegria. Na foto, alunos em fila para o início das aulas.

Possível localidade da Vila Nova hoje: Instalações de manutenção da VALE , na Mina de Alegria.

ANEXO 2 – Fotos da Fazenda da Alegria

Fazenda da Alegria, na época em que era visitada pelos moradores das vilas. Local que despertava admiração e interesse dos moradores das vilas.

Fazenda da Alegriaatualmente, reformada pela empresa VALE. A fazenda encontra-se ainda intacta, e protegida, mesmo estando muito próxima da mina.

ANEXO 3 - Fotos de comemorações festivas realizadas na comunidade

Tapetes de rua para a procissão, em comemoração a semana santa. Feitos pelos moradores da comunidade.

Time de vôlei feminino da Vila da Alegria, a prática de esporte era muito comum entre os moradores.

Apresentação dos alunos na tradicional marcha de 7 de setembro.

ANEXO 4 – Documentos pessoais de antigos moradores

Estado de Minas Gerais
Secretaria de Estado da Educação
DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE Ouro Preto

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ORDEM E PROGRESSO

Certifico que Hemiltom Flaviano Gomes nascido em 18 de Fevereiro de 1961, filho de Inocêncio Jacinto Gomes, concluiu a 4ª série do Ensino de 1º Grau, na Escola da Alegria (Nome do Estabelecimento) conforme consta da ata assinada em 17 de Dezembro de 1972

Fazenda de Algria, 17 de Dezembro de 1972
(Localidade) (Data)

O Aluno O Professor
Inspetor do Ensino O Diretor

Certificado escolar de um morador da Vila. No documento consta nome da escola e sua localidade.

Os formandos da Escola de Alegria - 1.º Grau, sentir-se-ão honrados com sua presença às solenidades de sua formatura.

Dia 18 de dezembro de 1981.
Às 19:00 horas - Missa de Ação de Graças e colocação de grau na Igreja de N. Senhora de Alegria.
Às 21:00 horas - Baile no Ferroman Esporte Clube.
Grupo Tarkus - B. H.

Paraninfo: Raimundo Nonato de Oliveira
Oradora : Celia Silva Rocha
À SAMITRI, aos Pais, Professores e Ferroman, nossa gratidão
Concluinte: ....

Convite de formatura do 1° grau da Escola de Alegria. Percebe-se a homenagem à empresa antes mesmo da homenagem aos pais.

ANEXO 5 - Máquinas e instalações antigas na Mina de Alegria - SAMITRI:

Antiga escavadeira “Marion”, abandonada na mina de Alegria.

Antigo laboratório químico da SAMITRI.

Alguns ônibus da Vila e os respectivos motoristas.

A frota de caminhão da Samitri

Caminhão utilizado para transporte do minério. Entre os moradores da Vila era chamado de o “famoso TEREX”.